



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA

ANA LUÍSA RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

**O MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE: VISIBILIDADE, EXPOSIÇÕES E A  
DESMISTIFICAÇÃO DA LOUCURA**

Brasília, DF

2021

ANA LUÍSA RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

**O MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE: VISIBILIDADE, EXPOSIÇÕES E A  
DESMISTIFICAÇÃO DA LOUCURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Ciência da Informação, da  
Universidade de Brasília – UnB, como parte dos  
requisitos para obtenção de título de bacharel em  
Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Dionisio Gomes  
de Oliveira.

Brasília, DF

2021

Conceição, Ana Luísa Rodrigues da.

O MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE: VISIBILIDADE, EXPOSIÇÕES  
E A DESMISTIFICAÇÃO DA LOUCURA / Ana Luísa Rodrigues da  
Conceição; orientador Emerson Dionísio Gomes de Oliveira. --  
Brasília, 2021.

59 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de  
Brasília, 2021.

1. Arte. 2. Loucura. 3. Museu de Imagens do Inconsciente.
4. Nise da Silveira. I. Oliveira, Emerson Dionísio Gomes de, orient. II. Título.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

O Museu de Imagens do Inconsciente: visibilidade, exposições e a desmistificação da loucura.

**Aluno:** Ana Luisa Rodrigues da Conceição

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

**Banca Examinadora:**

Aprovada por:

**Emerson Dionísio Gomes de Oliveira - Orientador**

**Professor da Universidade de Brasília (UnB)**

**Doutor em História - UnB**

**Anna Paula da Silva - Membro**

**Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

**Mestre em Museologia - UFBA**

**Fernanda Werneck Côrtes - Membro**

**Professora Voluntária da Universidade de Brasília (UnB)**

**Mestre em Ciência da Informação - UnB**

**Monique Batista Magaldi - Suplente**

**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**

**Doutora em Ciência da Informação - UnB**



Documento assinado eletronicamente por **Anna Paula da Silva, Usuário Externo**, em 08/06/2021, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **FERNANDA WERNECK CÔRTEZ, Usuário Externo**, em 08/06/2021, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Emerson Dionisio Gomes de Oliveira, Membro do Colegiado da Pós-Graduação da Faculdade de Ciência da Informação**, em 10/06/2021, às 09:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6677223** e o código CRC **25BE7B8F**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família, principalmente, meus pais e meu irmão pelo apoio constante e por me inspirarem diariamente. Vocês são meu porto-seguro.

Agradeço meus avôs e avós, tios e tias, primos e primas. Agradeço meu tio-avô, de 88 anos, que toda vez que eu vou visitá-lo e vou embora ele pergunta se eu volto no dia seguinte.

A Cilu, minha tia, por sempre ter sido amorosa e cuidadosa comigo.

Sou grata ao meu orientador, Emerson Dionisio, pelos ensinamentos e por ter me acolhido e introduzido na pesquisa acadêmica.

Um agradecimento especial a minha amiga Karol, pelo carinho e pela companhia durante todo o curso.

Agradeço todos aqueles que de alguma forma me acolheram e estiveram comigo durante a minha trajetória acadêmica.

A UnB o meu agradecimento pela contribuição na minha formação acadêmica.

A Dra. Nise da Silveira, que pela sua percepção e sensibilidade com a vida humana, me inspirou para a realização desse trabalho.

## RESUMO

O trabalho buscou entender a intersecção entre arte, loucura e instituições psiquiátricas. Para isso, foi analisada a forma de difusão da produção artística dos artistas no ateliê de pintura e modelagem até a sua inserção no Museu de Imagens do Inconsciente, procurando entender as suas particularidades. Foram abordadas as principais exposições que ocorreram no MII e internacionalmente. Por fim, foram apresentadas a história e as ideias da fundadora, Dra. Nise da Silveira, e dos outros colaboradores do seu trabalho. Nise da Silveira foi responsável pela criação de diversas oficinas terapêuticas, entre as quais os ateliês de pintura e de modelagem no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1946. Em 1956, foi fundada a Casa das Palmeiras, clínica pioneira em regime de externato. Em 1969, o grupo de estudos C. G. Jung foi criado formalmente.

Palavras-chave: Arte. Loucura. Museu de Imagens do Inconsciente. Nise da Silveira.

## **ABSTRACT**

The work sought to understand the intersection between art, madness and psychiatric institutions. For this, the way of diffusion of the artists' artistic production in the painting and modeling studio was analyzed until their insertion in the Museum of Images of the Unconscious, trying to understand their particularities. The main exhibitions that took place at the MII and internationally were discussed. Finally, the story and ideas of the founder, Dr. Nise da Silveira and the other collaborators of her work were presented. Nise da Silveira was responsible for the creation of several therapeutic workshops, among which the painting and modeling workshops at the Pedro II Psychiatric Center, in Rio de Janeiro, in 1946. In 1956, Casa das Palmeiras was founded, a pioneering clinic under regimen day school. In 1969, the C. G. Jung study group was formally created.

**Keywords:** Art. Madness. Museum of Images of the Unconscious. Nise da Silveira.

## LISTA DE SIGLAS

<b>IMS</b>	Instituto Moreira Salles.
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
<b>MAAC</b>	Museu de Arte Assis Chateaubriand.
<b>MAM - RJ</b>	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
<b>MAR</b>	Museu de Arte do Rio.
<b>MII</b>	Museu de Imagens do Inconsciente.
<b>STOR</b>	Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Capa do catálogo da exposição <i>9 artistas de Engenho de Dentro do Rio de Janeiro</i> (outubro de 1949).	17
<b>Figura 2</b>	Sem título, Carlos Pertuis, s.d.	17
<b>Figura 3</b>	<i>Foto da exposição "Nove Artistas de Engenho de Dentro", em 1949, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.</i>	25
<b>Figura 4</b>	<i>Foto da exposição "Nove Artistas de Engenho de Dentro", em 1949, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.</i>	25
<b>Figura 5</b>	Convite da exposição: "Lugares do Delírio".	31
<b>Figura 6</b>	Catálogo da exposição "Art Brut Brésilien, Images de l'Inconscient".	35
<b>Figura 7</b>	Longa-metragem "Nise – O coração da loucura".	37
<b>Figura 8</b>	Esq. Cópia em gesso de modelagem em barro, 20 x 34 x 24 cm, d. 1950, dir. Cópia em gesso de modelagem em barro, 20 x 34 x 24 cm, sem data.	42
<b>Figura 9</b>	Modelagem realizada por Abelardo Corrêa.	43
<b>Figura 10</b>	Composição de Arthur Amora, s.d.	44
<b>Figura 11</b>	Uma das obras de Carlos Pertuis referente "A série do circo".	45
<b>Figura 12</b>	Pintura, 1968, Emygdio de Barros.	46
<b>Figura 13</b>	Fotografia de Geraldo Aragão.	47
<b>Figura 14</b>	Guache sobre papel - Sem data (33 x 55 cm), Fernando Diniz.	48
<b>Figura 15</b>	Pintura, 1948, Raphael Domingues.	49
<b>Figura 16</b>	Guache sobre papel, 1967 (33 x 48 cm), Olívio Fidélis.	50
<b>Figura 17</b>	Nise da Silveira no ateliê na companhia de alguns clientes   fotos: autores desconhecidos/Arquivo Nise da Silveira.	51

## SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. História da Instituição: Museu de Imagens do Inconsciente	14
3. Exposições	23
4. O Olhar para fora	33
5. O coração da loucura	37
6. Personagens eleitos para representar o Museu	41
7. A história da médica psiquiatra Nise da Silveira	51
8. Considerações Finais	55
9. Referências	57

## 1. INTRODUÇÃO

"Não me atrevo a definir a loucura".  
Nise da Silveira

O presente trabalho buscou entender a intersecção entre arte, loucura e instituições psiquiátricas com base em eventos que ocorreram em museus e bienais. O foco principal foi a história do Museu de Imagens do Inconsciente, frente a relevância histórica e pioneirismo na abordagem da relação entre arte e enfermidades psiquiátricas. E, por evidente, por ser uma instituição que apresenta um acervo de qualidade artística reconhecida. É importante que se entenda a forma como as instituições lidam com a questão da loucura e como os museus dialogam com essa experiência, buscando, com isso, levar a sociedade a desvelar os preconceitos que cercam a loucura e saúde mental.

O primeiro capítulo do trabalho consistiu em relatar a história da Instituição: Museu de Imagens do Inconsciente. No segundo capítulo, abordei as exposições que ocorreram no MII, tanto nacionalmente quanto internacionalmente. Abordei também os filmes que ganharam prêmios e tiveram repercussão no Brasil e no exterior. No terceiro capítulo o foco foi apresentar os artistas-modelos, ou seja, aqueles selecionados pelo MII para retratar a sua história. Por fim, no capítulo quatro, apresentei a história da médica psiquiatra Nise da Silveira.

Para trazer essas discussões foram analisadas as ideias da Dra. Nise e de outros personagens importantes na construção da história do seu pensamento. No viés da Museologia procurei trazer a discussão de comunicação museológica, abordando os autores e as autoras como: Scheiner (2003), Aquino; Vargas (2020), Cury (2007) e Rangel (2013). Para pensar a exposição da produção criativa de pacientes psiquiátricos no circuito da arte global contemporânea utilizei o pensamento de Cabañas (2017). Outro ponto importante que busquei retratar foi a história dos artistas do MII.

A motivação para escolha do tema se deu pelo meu interesse em entender a questão da loucura, a forma pela qual os museus dialogam com essa temática. O que me chamou a atenção foi perceber um número considerável de exposições voltadas

para essa questão na contemporaneidade, tendo como foco não só as exposições do MII, mas, de outras instituições também. O entendimento da questão da loucura, que estava em evidência em museus e bienais, despertou o meu interesse em aprofundar a temática.

Trabalhei com a revisão bibliográfica, com base em autores consolidados. Também analisei catálogos e exposições que já ocorreram na instituição.

## Capítulo 1 – História da Instituição: Museu de Imagens do Inconsciente.

Em 1946, no Rio de Janeiro, foi criada a Seção de Terapêutica Ocupacional, no Centro Psiquiátrico Nacional, pela psiquiatra Nise da Silveira. Ela criou essa seção por não aceitar as formas de tratamentos psiquiátricos em uso na época, como o eletrochoque, a lobotomia e o coma insulínico. Posteriormente, foi fundado em 20 de maio de 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente (MII).

Nise da Silveira foi, no caso brasileiro, uma pioneira. Sua trajetória corajosa, iniciou com um pequeno grupo de estudos, formado a partir de abril de 1955. O grupo de estudos tinha por objetivo buscar, com os instrumentos técnicos da análise junguiana, uma nova maneira de encarar a doença mental, em particular a psicose. Desse grupo surgiu, em seguida, a revista *Quaternio*, que não passou de oito edições, mas tem lugar de destaque na história da psiquiatria brasileira (ESTADÃO, 16 de dezembro de 2001).

O grupo de estudos C. G. Jung foi criado formalmente no ano de 1969. O objetivo inicial desse grupo era debater as ideias de Jung, mas com o tempo foram incorporando outras produções referentes não só a psicologia, mas a diferentes áreas das artes<sup>1</sup>.

Em 1956, foi fundada a Casa das Palmeiras, clínica pioneira em regime de externato. A criação desse espaço foi pensada com base na preocupação da Dra. Nise com a alta estatística de reinternações de clientes<sup>2</sup> no hospital que era em torno de 70%. O espaço atua com portas abertas, em regime de externato, e visa ao processo terapêutico, à socialização e à realização de diferentes atividades<sup>3</sup>.

Com relação ao MII, vale ressaltar que ele é um centro de estudos e pesquisa na área da saúde mental. Segundo Dias (2003), a história do Museu de Imagens do

---

<sup>1</sup> Site Itaú Cultural. Disponível em: [https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/jung/?content\\_link=6](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/jung/?content_link=6) Acesso em: 25 de mar de 2021.

<sup>2</sup> A Dra. Nise da Silveira não utilizava o termo paciente, preferia chamá-los de clientes. Muitos textos curatoriais mantêm esse termo em sua homenagem.

<sup>3</sup> Site itaucultural.org.br. Disponível em: [https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/o-legado/?content\\_link=2](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/o-legado/?content_link=2) Acesso em: 26 de mar de 2021.

Inconsciente encontra-se intrinsecamente vinculada à história da Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional, em Engenho de Dentro.

Para integrar o MII, Nise da Silveira encontrou o jovem artista Almir Mavigner que tinha interesse em colaborar na ampliação das oficinas para incluir a pintura e a modelagem (CERQUEIRA; FELGUEIRAS, 2018). Cofundador do atelier, Mavigner convidou outros artistas e críticos de arte, especificamente, Mário Pedrosa e Ferreira Gullar<sup>4</sup>, para conhecerem o trabalho do atelier. Esse fato foi importante para o desenvolvimento de exposições, que constituíram a base para a criação do MII.

Segundo Abranches (2016), "o papel de monitor de Mavigner no Ateliê de Pintura e Modelagem, sob orientação de Nise da Silveira, consistia em catalizar, pela escuta e o afeto, a produção plástica dos internos, cujas imagens resultantes forneciam rico material de análise clínica para a psiquiatra". Mavignier foi uma figura chave para a existência e o reconhecimento da produção dos artistas de Engenho de Dentro.

Para Pedrosa (1980), o Museu de Imagens do Inconsciente transcende a definição de museu, por ser também um espaço de convivência onde potenciais artistas trabalham, criam, vivem e convivem. Nesses ateliês estavam presentes um grupo de enfermos esquizofrênicos que de forma aleatória foram tirados do pátio do hospício para a seção de terapêutica ocupacional, desta para o ateliê, do ateliê para o convívio, onde passou a gerar o afeto, e o afeto a estimular a criatividade.

Segundo Edmar Oliveira, a criação da Seção de Terapêutica Ocupacional, na década de 1940, foi o maior exemplo de resistência da Dra. Nise da Silveira à psiquiatria biológica, a qual ela era totalmente contrária. Isso pode ser considerado a gênese da criação, em 1952, do Museu de Imagens do Inconsciente, acervo de importante valor artístico e científico.

Após uma passagem pelos porões da ditadura de Getúlio Vargas, Nise da Silveira cria diversas oficinas terapêuticas, entre as quais os ateliês de pintura e de modelagem no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1946. Foram as obras produzidas nesses ateliês que deram origem ao Museu de Imagens do Inconsciente (MII). O MII possui atualmente um acervo de obras plásticas que desperta admiração pela originalidade e pela qualidade dos trabalhos. Fundado

---

<sup>4</sup> De gerações distintas, Pedrosa e Gullar foram influentes críticos brasileiros de arte, responsáveis pela interpretação de alguns dos grupos e movimentos cruciais do circuito artístico dos anos de 1950 e 1960 (SANT'ANNA, 2011; SILVA, 2016).

em 1952, vem apresentando exposições, seminários, cursos e documentários que procuram lançar luzes sobre os intrigantes fenômenos que ocorrem em regiões pouco conhecidas da psique humana, tomando como ponto de partida a produção plástica de indivíduos rotulados como loucos pela sociedade.

O problema da loucura não se restringe a área médica, com isso, Foucault denomina a arqueologia espontânea das culturas. “O desatino seria a grande memória dos povos, a maior fidelidade deles para com o passado; nele, a história lhes será indefinidamente contemporânea.” (FOUCAULT, 1978, p. 106). Esta contemporaneidade indefinida da loucura pode ser constatada nas imagens do acervo do MII. Não se trata aqui de uma “arte contemporânea”, mas sim da emergência de imagens cujos símbolos e signos remete-nos a uma história imagética da espécie humana, uma verdadeira arqueologia da psique. É a mediação dessa arqueologia que o Museu de Imagens do Inconsciente vem fazendo. Não basta apenas o olhar, por mais intuitivo que seja. É preciso uma leitura, fruto de uma observação que, embora não hegemônica, seja provocadora na criação de sentidos. A interdisciplinaridade é a base e a constituição dessa leitura. (CRUZ JR; PINHEIRO, 2010, p. 369-370).

Durante os anos 1970, o MII consolidou-se efetivamente como uma instituição possuidora de um lugar muito especial no imaginário social. Com o recrudescimento da ditadura militar, o hospital psiquiátrico passou a sofrer pressões que quase resultaram em seu fechamento, mas com o apoio da imprensa e de setores esclarecidos da sociedade conseguiu resistir. Esse movimento de resistência resultou, em 1974, na criação da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, estabelecendo uma nova etapa em sua história. Essa entidade passa a ser a principal articuladora da instituição com o mundo fora do hospital, e após a celebração, em 1979, de um convênio com uma importante agência de fomento governamental. Convênio que otimizou recursos financeiros, permitindo que o Museu se instalasse em um novo prédio, dotado de estrutura física e funcional que mantém até hoje (CRUZ JUNIOR, 2015).

A criação da Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente surgiu com o objetivo de apoiar e divulgar os empreendimentos da instituição. Isso e a nomeação de dois médicos deixou Silveira mais confiante em relação à continuidade de seu trabalho. Ela afirma que antes vivia com medo de não conseguir manter o Serviço de Terapia Ocupacional (OGLOBO, 1974, p.29).

Sendo assim, o MII e a Seção de Terapêutica Ocupacional de Silveira possibilitaram o surgimento de vários artistas e exposições consagradas no meio

artístico, principalmente em museus dedicados ao vocabulário modernistas. Um exemplo é a exposição que ocorreu em 12 de outubro de 1949. Na época um símbolo modernista nacional, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, apresentou a mostra chamada “9 artistas de Engenho de Dentro” [Fig.1]. Os artistas que participaram da exposição foram: Carlos [Fig. 2], Kleber, Adelina, Carlos, Lúcio, Vicente e Wilson e os que mais se consagraram foram Emydgio de Barros e Raphael Domingues. O número de obras expostas somou 179, dentre pinturas, desenhos e esculturas (DIONÍSIO, 2001).

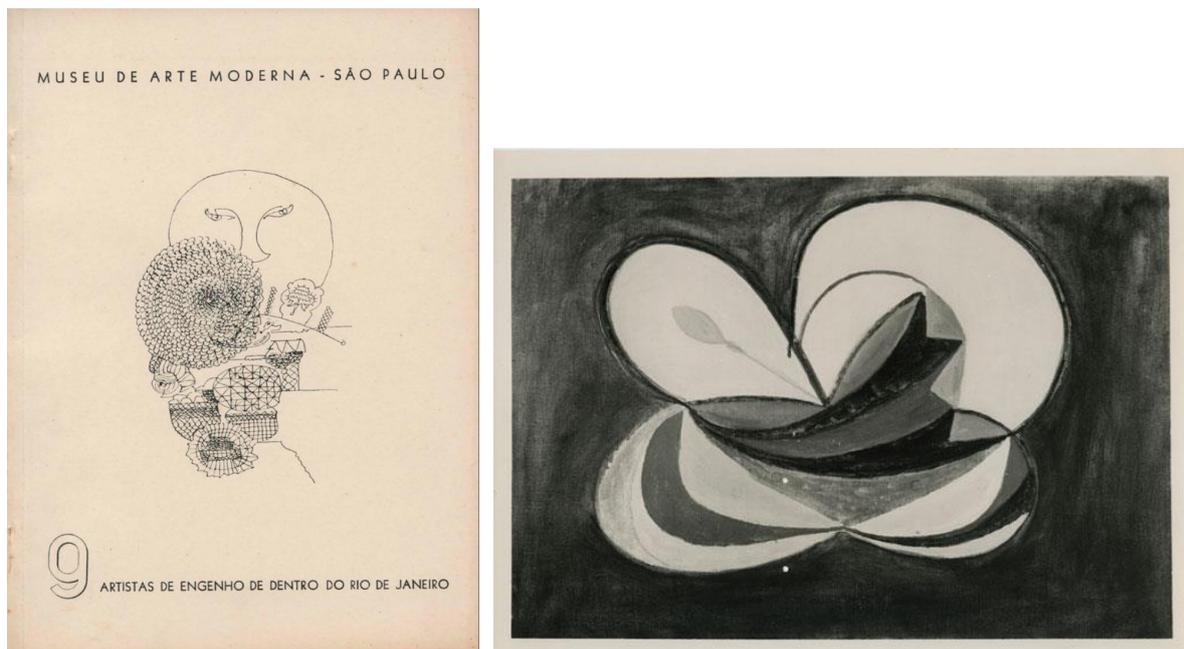


Fig.1. Capa do catálogo da exposição *9 artistas de Engenho de Dentro*, outubro de 1949, MAM SP. Fonte: <http://www.bienal.org.br/post/362>; Fig.2. Sem título, Carlos Pertuis, s.d., no mesmo catálogo. Foto de Carlos Moscovicz, Instituto Moreira Salles. Fonte: <http://www.bienal.org.br/post/362>

Depois de noventa dias de pleno funcionamento da Instituição, a produção de trabalhos foi tão intensa, que já existia material satisfatório para que fosse realizada a primeira mostra de artes. Então, no dia 22 de dezembro de 1946, foi inaugurada a primeira exposição de imagens do Centro Psiquiátrico Nacional, com o total de participação de vinte adultos e quinze crianças frequentadoras das atividades das seções de pinturas (DIONÍSIO 2001; SILVA, CANDIDO, 2020).

Ainda, segundo Dionísio (2001) e Silva e Candido (2020), por conta da proporção dos acontecimentos foi organizada uma segunda mostra no dia 04 de fevereiro de 1947. As duas exposições aconteceram ao mesmo tempo e no mesmo local, continuou situada no prédio do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro,

dessa vez instalada no grande salão do andar principal. Além de conter as obras expostas na pequena exposição de 1946, havia também telas de trabalhos mais recentes, totalizando 245 pinturas de crianças e adultos. Mais uma vez, essa mostra despertou bastante interesse dos meios culturais, artísticos e científicos. Múltiplos artistas publicaram notas e artigos sobre a exposição, dentre quais destacam-se: Mário Pedrosa no jornal impresso *Correio da Manhã*, e Quirino Campofiorito, no *O Jornal*. Outros autores cronistas que contribuíram com narrativas sobre a exposição foram: Rubem Navarra, no *Diário de Notícias*, Marc Berkovitz no *Brazil-Herald* e Antônio Bento no *Diário Carioca*.

Além disso, vale ressaltar que a coleção do Museu de Imagens do Inconsciente até o século XXI contou com um número de aproximadamente 352.000 obras, dentre as quais 12.694 chegaram a ser tombadas pelo IPHAN<sup>5</sup>, no ano de 2003. Esse fato, entretanto, não deve ser visto com otimismo. Em 2000, o Centro Psiquiátrico Pedro II foi municipalizado, tornando-se Instituto Municipal Nise da Silveira. O Museu de Imagens do Inconsciente, parte desse complexo, também saiu da gestão federal, passando a integrar a Coordenação de Saúde Mental da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Cruz Junior (2009), esse fato dificultou a continuidade das atividades da instituição. Desde então, os planos para a ampliação da sede do Museu, incluindo a modernização de seu acervo, não foram levadas adiante. Além disso, as fichas de catalogação não foram preenchidas e a instituição passou a funcionar com um número reduzido de funcionários (de dezoito, em 2000, para apenas nove, em 2008) (MAGALDI, 2018, p.17).

No que se refere a trajetória do MII é possível perceber sua afinidade com os conceitos e recomendações mais recentes da museologia latino-americana, na sua atuação ou em seu potencial social. O MII é um museu que já nasceu moderno (CRUZ JR., 2009, p. 117). Outro ponto importante a ser ressaltado é que o MII trabalha no sentido de promover uma educação qualificada, uma “educação da sensibilidade” nas palavras de Herbert Read, um dos autores que influenciaram fortemente a Dra. Nise da Silveira e os seus colaboradores. Read clama por essa “educação da

---

<sup>5</sup> Processo de Tombamento, número: 1507-T-03. Disponível em: <http://acervodigital.iphan.gov.br/>  
Acesso em: março de 2021.

sensibilidade”, que ele lamentava estar esquecida, proclamando a imagem como fonte de todo conhecimento (CRUZ JR. e PINHEIRO, 2005, p.54).

Com relação as exposições do MII, é possível destacar que: "A primeira exposição da coleção, feita em 1949, chamou a atenção de críticos e artistas, despertando intensa polêmica sobre se aquelas obras possuíam ou não valor artístico" (SILVEIRA, 1966, p. 117). Muitos críticos e artistas brasileiros consagrados foram conhecer os ateliês do Museu no distante subúrbio de Engenho de Dentro, e vários deles confirmam a influência que sofreram por intermédio desse contato (QUATERNIO, 2001; SILVA, 2006). Indivíduos que viviam anônimos nos corredores das enfermarias do hospício, a partir do ateliê de pintura revelavam-se possuidores de grande talento e eram reconhecidos como artistas" (CRUZ, JR; PINHEIRO, 2010, p.371).

Outra exposição de grande importância para o Museu foi sua participação na Mostra do Redescobrimento (2000), inicialmente no Pavilhão da Bienal de São Paulo. Exposição que seguiu para o Rio de Janeiro (Paço Imperial e Centro Cultural dos Correios), São Luiz do Maranhão (Convento das Mercês) e Buenos Aires (Fundación Proa). A Mostra do Redescobrimento, que reuniu uma amostragem significativa da produção visual brasileira, desde a pré-história até hoje, foi visitada por mais de 2 milhões de pessoas o que permitiu a consolidação definitiva dos artistas do Museu na história das artes visuais brasileiras (CRUZ, JR; PINHEIRO, 2010, p.371).

Além dessas exposições que já foram citadas o museu apresenta uma mostra de longa duração denominada: "Nise da Silveira: Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde" que conta com a curadoria de Luiz Carlos Mello, colaborador da Dra. Nise e diretor do Museu de Imagens do Inconsciente. A mostra aborda a vida da médica alagoana por meio de fotografias e depoimentos. Nise (1906-1999) rompeu com os métodos truculentos usados com os indivíduos com diagnóstico de esquizofrenia, e passou a utilizar a arte como parte do tratamento. Ela também deu início ao acervo científico-artístico de obras dos internos do antigo Centro Psiquiátrico Nacional de Engenho de Dentro. Hoje o centro tem o nome de Instituto Municipal Nise da Silveira. A mostra trata dos caminhos profissionais de Nise e da relação afetiva que ela manteve com os artistas do centro psiquiátrico. São mostradas 40 obras de nomes como Fernando Diniz, Emygdio de Barros, Raphael Domingues, entre outros. Outra

mostra em cartaz é denominada "Museu Vivo" na qual estavam as produções atuais dos frequentadores dos ateliês de pintura e modelagem do local (GUIA DAS ARTES, 2015).

Outra mostra denominada "Nise da Silveira - Vida e Obra" revela um pouco do universo do seu trabalho, sendo composta por 4 módulos expositivos que traduzem os principais produtos de sua pesquisa ao longo de 40 anos frente ao Setor de Terapêutica Ocupacional por ela iniciado em 1946, seguindo o pensamento de Carl Jung.

A exposição "Emoção de Lidar" foi inaugurada em setembro de 2015 no próprio Museu de Imagens do Inconsciente, com curadoria de Luiz Carlos Mello e participação de toda sua equipe técnica (MAGALDI, 2018). Esta exposição substituiu "As Origens do Museu de Imagens do Inconsciente", até então vigente. A mostra se diferenciava desta e de outras antecessoras por dois motivos principais. Primeiramente, contava com os trabalhos dos atuais frequentadores do ateliê do Engenho de Dentro, deixando de lado os clássicos artistas reconhecidos em meados do século passado. Ademais, não se contentava em estabelecer paralelos entre conteúdos pictóricos e conceitos junguianos, mostrando, antes, a perspectiva dos próprios criadores. Essas diferenças apareciam em seu painel de apresentação, cujo texto era de autoria do diretor da instituição:

A exposição ora apresentada destaca os criadores que surgiram ao longo dessa história, revelando a importância do convívio e do afeto como molas propulsoras da criatividade, na qual as emoções encontram o caminho de transformação e superação, tornando-se visíveis em formas, cores e poesias (MAGALDI, 2018, p.22).

Segundo Magaldi (2018) a mostra "Raphael e Emygdio", embora buscasse a renovação, quase em sua totalidade, acrescentava-se um espaço reservado para a tradição. Desta forma, o primeiro andar do museu, menor, era reservado à história canônica do lugar. Este contava com trabalhos dos clássicos clientes de Nise da Silveira: Fernando Diniz, Adelina Gomes e Octávio Ignácio, além dos já citados Raphael Domingues e Emygdio de Barros. Assim, era perceptível o contraste com a narrativa presente ao lado das obras do segundo piso.

Com base na exposição "Emoção de Lidar" e na mostra "Raphael e Emygdio" é interessante perceber a forma na qual a instituição está buscando organizar as suas

exposições. Ao mesmo tempo que tem um espaço reservado para a tradição tem também para trabalhos dos atuais frequentadores do ateliê do Engenho de Dentro.

Outro ponto que vale ser ressaltado é como Nise da Silveira endossa a questão da importância de manter a coleção no Museu. Segundo ela:

Incompreensão total. Se fossem vendidas as pinturas, esculturas e outros objetos, não existiria museu algum. Dá para entender? Seriam dispersas as formas reveladoras do interior da psique, isto é, o material que verdadeiramente interessa à psiquiatria (SILVEIRA, 1996, p. 52).

Segundo Cruz Jr. (2009), para realizar esse objetivo, Nise da Silveira desenvolveu um método particular de armazenamento das figuras que originavam na STOR, constituída na forma de álbuns. Cada um destes continha entre 50 e 100 séries de imagens, organizados por autor e em ordem cronológica. Essas encadernações constituíam parte do que seria o acervo mais importante do Museu. Este acervo incluía obras consideradas de relevância, tanto para a história de vida de seus autores, quanto pelo critério científico adotado pela médica. Estavam disponíveis para consulta pública e catalogadas no acervo de acordo com os critérios do *Archive for Research in Archetypal Symbolism*, sistema classificatório desenvolvido por Joseph Henderson, reconhecido discípulo de Jung. Esse sistema, que incluía contexto cultural e a perspectiva arquetípica, se encadeava a partir de nove eixos: I - Representações Diversas; II - Céu e Terra; III – Flora; IV – Fauna; V - Homem; VI - Homo Faber; VII - Homo Religiosus; VIII - Processo de Individuação; IX - Séries Especiais de Pesquisa (MAGALDI, 2018, p.256).

Silveira afirma que, nunca quis reunir pinturas, desenhos ou esculturas, como jóias da Coroa para dizer depois: "Olha o que eu colecionei". Segundo ela o desejo de servir à evolução da psiquiatria brasileira foi o que a fez guardar todo o material produzido nos ateliês de pintura. Para ela, não interessava que o Museu fosse desmembrado do hospital, pois os ateliers de pintura e modelagem eram a sua fonte produtora (O GLOBO, 1974, p.29).

Mais recentemente, no ano de 2016, o museu contava com cerca de 360 mil obras da fase histórica e da atual. Todas eram classificadas e guardadas em espaços separados por artistas. Segundo a museóloga Priscilla Moret: "O objetivo do MII nunca foi ser um museu de tratamento das obras. Então, no começo, não havia um

acompanhamento muito rígido do movimento delas, nem a importância da conservação. As pessoas tiravam as obras do lugar sem ter noção do que isso poderia causar na organização. Há alguns anos, acompanhamos o movimento delas em todos os momentos" (CONTINENTE, 2016, p. 32).

## Capítulo 2 - Exposições

Para compor esse capítulo abordei conceitos e autores que relacionam a exposição como fator chave para a comunicação museológica. Cabe ressaltar que, a comunicação museológica é fundamental, pois ela possibilita que a instituição funcione de uma forma ampla e diversa, levando em consideração a multiplicidade das relações. Para tanto, entender as exposições do MII e a forma na qual elas são expostas é fundamental, principalmente, porque, segundo Cruz Jr. e Pinheiro (2009) o museu conta com um dos maiores e mais diferenciados acervos da coleção do gênero no mundo.

É através das exposições que o Museu representa, significa e produz sentidos (SCHEINER, 2003)<sup>6</sup>. A exposição é, assim, o produto final dentro dos limites físicos e espaciais da instituição, das políticas e mediações de sentidos que se estabelecem institucionalmente, mesmo que esses ultrapassem os muros da instituição (MORAES, 2011, p.8).

A exposição tem como objetivo, provocar reflexões e também, ser um local que integre uma dimensão poética e uma dimensão questionadora, nos fazendo refletir sobre a diversidade das relações (AQUINO; VARGAS, 2020).

Atualmente a exposição de caráter museológico demanda estudos teóricos e fazeres práticos que a qualifiquem, dado que experiência dos públicos é diretamente afetada pela postura em que esta é pensada e a forma com que é concebida. Os profissionais dedicados ao planejamento de exposições estão em constante busca pelo aprimoramento de suas práticas visando contemplar tanto as estratégias de comunicação quanto os cuidados que envolvem os procedimentos de salvaguarda e preservação da cultura material (AQUINO; VARGAS, 2020, p.20).

Levando em consideração que a exposição se constituiu em um fator chave para a comunicação museológica, Cury (2007) afirma que, atualmente a comunicação

---

<sup>6</sup> Scheiner (2003) aborda o processo comunicacional dos museus utilizando como base os estudos de Gestalt. Gestalt é uma escola de pensamento criada nos anos de 1920, na qual afirma que um todo não é uma simples soma de duas partes, para tanto, propunha que o comportamento e os meandros da mente não deveriam ser estudados separadamente. Os estudos de Gestalt vêm comprovando a importância das experiências multidimensionais no processo comunicacional, permitindo que essas diversas experiências transformem o observador em participante 'ativo' gerando um maior grau de imersão no conjunto a ser comunicado.

museológica é entendida como interação e como parte integrante da cultura. O modelo entre emissor-receptor deixa de existir e é substituído por um modelo que permite a negociação do significado da mensagem. A base do processo comunicacional passa a ser a interação e não a mensagem em si, permitindo gerar uma reciprocidade entre museu e público.

Para Cury (2007) o modelo emergente de museu revela a importância do público e do profissional de museu para a compreensão contemporânea de comunicação museológica. Segundo ela:

A simetria de papéis deve ser observada para que não se construa uma imagem para um em detrimento do outro. Na interação nos construímos como sujeito, na interação um sujeito se faz na relação com o outro (CURY, 2007, p.76).

Rangel (2013) afirma que a compreensão da exposição museológica como parte do processo de comunicação na sociedade nos leva à interdisciplinaridade. Segundo a autora, os museus vêm se especializando, com o intuito de tornar as exposições museológicas didáticas, atraentes e estimulantes para todos os públicos. Outra questão que vale ser ressaltada é que atualmente a museologia vem utilizando novas tecnologias para montagem das exposições, mas isso não significa que a museografia está sendo bem pensada. As lacunas que venham a existir devem ser resolvidas da melhor forma possível, pois assim o público compreende a mensagem e se sente motivado para visitar o museu. Para tanto, a comunicação nos museus não deve ser pensada de forma isolada, ela deve ocorrer em sintonia com a educação para que ocorra um entendimento e uma valorização das exposições e da instituição.

Neste contexto, a comunicação museológica do MII deve ser pensada de modo a integrar os diversos sujeitos, desde o processo de criação dos artistas no ateliê, a montagem da exposição até o contato com o público por meio da exposição.

Tendo em vista as considerações feitas anteriormente, me deterei em relatar as exposições que aconteceram no MII destacando aquelas que obtiveram mais repercussão dentro e fora da instituição.

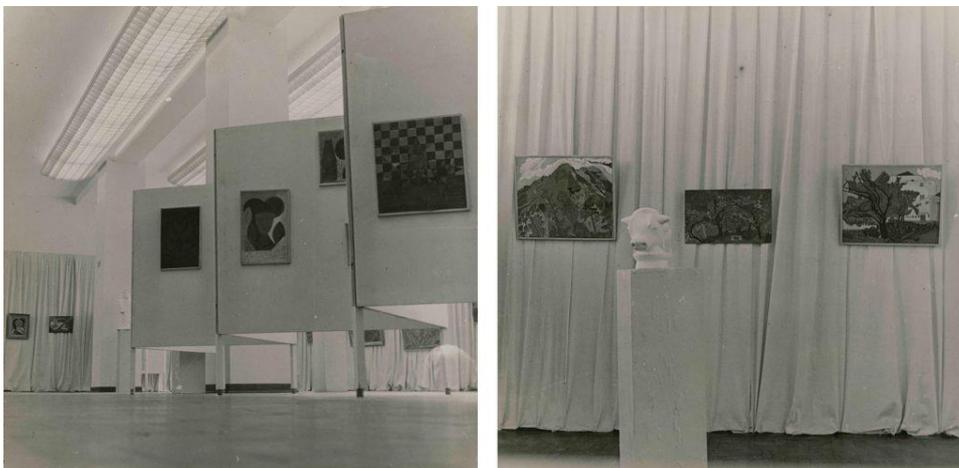
A primeira exposição do MII foi realizada em 1946 no Centro Psiquiátrico Nacional reunindo as obras dos clientes da Dra. Nise da Silveira. Posteriormente, a mostra foi transferida para a sede do Ministério da Educação, despertando o interesse

de críticos de arte como Mário Pedrosa e Léon Degand (então diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo). Em 1949, outra exposição foi realizada, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, denominada "9 artistas de Engenho de Dentro", que seguiu para o MAM SP, no mesmo ano.

No prefácio do Catálogo da Exposição: 9 Artistas de Engenho de Dentro de 1949 [Fig.1], Nise da Silveira comenta:

O diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo visitou o estúdio de pintura e escultura do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro e não teve dúvida em atribuir valor artístico verdadeiro a muitas das obras realizadas por homens e mulheres ali internados. Talvez esta opinião de um conhecedor de arte deixe muita gente surpreendida e perturbada. É que os loucos são considerados comumente seres embrutecidos e absurdos. Custará admitir que indivíduos assim rotulados em hospícios sejam capazes de realizar alguma coisa comparável às criações de legítimos artistas – que se afirmem justo no domínio da arte, a mais alta atividade humana (*apud* GONÇALVES, 2004, p.44).

As figuras 3-4 mostrada abaixo é referente a exposição "9 artistas de Engenho de Dentro".



Figs. 3-4. Fotos da exposição "Nove Artistas de Engenho de Dentro", em 1949, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria/>

Em 1950 foi exibida em Paris (França) e, em 1955, em Neuchâtel (Suíça). Essas exposições foram fundamentais para impulsionar outras centenas de mostras e exposições no Brasil e no exterior, assim como participações em congressos internacionais de psiquiatria, ressaltando-se, mais uma vez, o caráter científico e artístico das coleções do museu.

Uma grande exposição organizada por Nise da Silveira, ocorreu no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no dia 5 de junho até o dia 6 de julho de 1975, onde foi comemorado o centenário de Carl Gustav Jung. A exposição viajou o Brasil e paralelamente foram realizadas conferências com a participação do grupo de estudos (MELLO, 2014).

Cabe ressaltar, ainda, a XVI Bienal de São Paulo, cuja importância, para além do próprio evento, permitiu maior visibilidade das coleções existentes no MII. A Bienal contou com curadoria geral de Walter Zanini, ocorreu no período de 16 de outubro a 20 de dezembro de 1981 no Pavilhão Armando Arruda Pereira localizado no Parque Ibirapuera.

Essa Bienal trouxe uma mudança no papel que vinha desempenhando desde 1951, quando aconteceu pela primeira vez. Ela abandonou a apresentação tradicional por países para agrupar as tendências artísticas por analogia de linguagens, buscando mostrar ao público nacional e internacional a pluralidade de tendências artísticas que estava ocorrendo simultaneamente em diferentes partes do mundo (ESTADÃO, 1981).

Zanini (2009, p.07) afirma que, "para a exposição "Arte Incomum", a Bienal conectou uma produção de ordem diversificada, cujos autores, sejam eles doentes mentais ou indivíduos desatados dos contextos normais da visualidade, sabem fazer fluir da lógica de seus mundos inconscientes uma grande força libertária".

A XVI Bienal de São Paulo, segundo o curador da edição Walter Zanini, buscava chamar a atenção do público para uma produção altamente criativa, à margem do sistema da arte cultural, assim como trazer incentivo à sua pesquisa e preservação no meio brasileiro (ESTADÃO, 1981, p.21). O evento buscou rememorar outra exposição realizada décadas antes em São Paulo. Em 1933, a arte bruta (Art Brut)<sup>7</sup> espantou São Paulo com uma exposição inusitada composta de desenhos de crianças e pacientes psiquiátricos, organizada por Flávio de Carvalho no Clube dos Artistas Modernos. Annateresa Fabris, curadora da *Arte Incomum*, seção nacional, lembra que foi um ataque frontal aos métodos e à estética da Escola Nacional de

---

<sup>7</sup> O termo "arte bruta" foi concebido por Jean Dubuffet, em 1945. Essa expressão surgiu para designar a arte produzida por criadores livres da influência de estilos oficiais.

Belas Artes. Afirma que: "era também uma forma de criticar o gosto da classe média" (ESTADÃO, 1981, p.21).

Para a composição do módulo "A experiência do Engenho de Dentro", XVI Bienal de São Paulo, a exposição contou com a presença de quatro cavalos pertencentes a uma série de mais de trezentos, desenhados pelo artista Octávio Ignácio. Na produção plástica de Adelina Gomes são encontradas formas abstratas, círculos reunindo agrupamentos de elementos dispostos com menor ou maior regularidade e seres das mais diversas formas. Na exposição foram apresentadas três dentre suas numerosíssimas metamorfoses vegetais, evocadores do tema mítico de Dafne<sup>8</sup>. Além de Octávio Ignácio e Adelina Gomes também foram apresentadas obras de: Raphael, Isaac, Fernando, Emygdio e Carlos, todas referentes a coleção do MII.

Em 1987, a exposição "Os Inumeráveis Estados do Ser" bateu recordes de público no Rio e posteriormente em Porto Alegre e Belo Horizonte. A exposição realiza um apanhado geral dos novos caminhos abertos pelo trabalho desenvolvido na STOR e no museu nos últimos 40 anos. As questões que levaram Nise da Silveira a iniciar a reformulação de conceitos estabelecidos na psiquiatria vigente são apresentadas em sete temas. São eles: "Miséria do hospital psiquiátrico", "Vivências do espaço", "Em busca do espaço cotidiano", "Abstração e geometrismo", "Dissociação/Ordenação", "O afeto catalisador" e "Que é a ruína esquizofrênica?".

Já em 1993, o MII realizou uma exposição denominada "Arqueologia da Psique e L'Art Brut" que ocorreu na Casa França Brasil (RJ), sendo remontada em outras cidades (São Paulo, Brasília e Curitiba). A exposição apresentou paralelismo entre imagens produzidas pelos internados do Centro Psiquiátrico Pedro II e imagens que constituem achados arqueológicos em distantes épocas e diferentes regiões do mundo. Inicialmente, retrata o período neolítico, passando pela civilização egípcia, indo-persa e grega até a alquimia na Idade Média.

Em 2000 é interessante ressaltar a maior exposição de artes plásticas já realizada na América Latina – 'Mostra do Redescobrimento: Brasil + 500', que permaneceu em São Paulo seguindo para doze capitais brasileiras e dezessete

---

<sup>8</sup> Site: [issuu.com](https://issuu.com). Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name485f14> Acesso em: 30 de mar de 2021.

museus internacionais, entre eles o Guggenheim de Nova York e o Louvre de Paris. Essa exposição contou com um módulo denominado: "Imagens do Inconsciente", contribuindo para que as coleções do museu entrassem, definitivamente, para a história da arte no Brasil e no mundo<sup>9</sup>.

A construção curatorial da Mostra do Redescobrimento se baseou em uma ideia do crítico Mário Pedrosa sobre como refundar o MAM-RJ após o incêndio que consumiu quase todo seu acervo em 1978. A concepção do crítico de arte era criar um complexo museológico denominado "Museu das Origens", composto de cinco museus independentes: o Museu do Índio, o Museu da Arte Virgem (do Inconsciente), o Museu de Arte Moderna, o Museu do Negro e o Museu de Artes Populares (BARROS, 2014, p.5).

O curador-chefe Nelson Aguilar, afirmou que a ideia do Museu das Origens era, como a da Mostra do Redescobrimento, realizar um panorama da arte brasileira e, assim, desdobrou e modificou esse recorte inicial em treze módulos, pois considerou datada a divisão de Pedrosa (BARROS, 2014, p.5).

Para a curadoria dos módulos, Aguilar convidou curadores renomados, especialistas em suas áreas. Para o Museu da Arte Virgem (do Inconsciente) os escolhidos foram Luiz Carlos Mello e Nise da Silveira (BARROS, 2014, p.5). O módulo concebido por Mello e Silveira foi considerado o mais bem executado do ponto de vista de espaço, conceito e narrativa (BARBOSA, 2001). A exposição começava pela obra de Arthur Amora, paciente do Engenho de Dentro, cujo trabalho é geométrico abstrato. Artur Bispo do Rosário e Aurora foram artistas marcantes da exposição, que muito adequadamente enriqueceram o observador com sintéticas histórias de vida dos artistas (Ibidem). Além da presença desses artistas, Adelina, Antônio Bragança, Carlos Pertuis, Darcílio Lima, Emygdio de Barros, Fernando Diniz, Isaac, Raphael e Ronaldo Rego também faziam parte da exposição.

Aguilar contou, em entrevista à "*Com Ciência*", que nunca os acervos dos hospitais psiquiátricos brasileiros foram reunidos. Sempre se conhecia o Museu de

---

<sup>9</sup> A "Mostra do Redescobrimento: Brasil + 500" foi dividida em treze módulos, com dezesseis curadores e ocupou 60 mil metros quadrados em três prédios do Parque: o Pavilhão Ciccillo Matarazzo (popularmente conhecido como Pavilhão da Bienal), o Pavilhão Manuel da Nóbrega (hoje sede do Museu Afro Brasil) e o Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, também conhecido como Oca. Construiu-se, ainda, um prédio que abrigava uma projeção, o Cinecaverna (BARROS, 2014).

Imagem do Inconsciente ou o Museu Nise da Silveira<sup>10</sup>, de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, que abrigava a obra do Bispo do Rosário. Essa reunião foi formando novos sentidos<sup>11</sup>.

Dois anos depois, o MII completou 50 anos de existência e para a celebração organizou uma série de eventos dentre eles uma mostra retrospectiva. A exposição tinha por objetivo apresentar os artistas mais antigos e famosos ao lado dos mais recentes e atuais, demonstrando a vitalidade do Museu. A mostra contou com obras de Abraham Palatnik.

No ano de 2002 foi inaugurada a exposição "Cinco Artistas do Engenho de Dentro", no Centro Cultural da Saúde, com curadoria de Luiz Carlos Mello. Essa exposição fez parte da Mostra Retrospectiva. Essa mostra tinha como objetivo comemorar os 50 anos da instituição, para tanto, foram organizadas uma série de eventos cuja programação foi apresentada ao público na abertura da mostra. A Mostra Retrospectiva apresentou um panorama histórico do Museu e suas principais linhas de pesquisa e tratamento através de imagens e textos. A evolução deste trabalho foi retratada em painéis com fotos e textos explicativos. A mostra contou com a participação de 35 artistas, totalizando 140 obras. Um ponto interessante de ser ressaltado é referente as cópias das esculturas de Adelina Gomes que foram feitas pela artista plástica Mazeredo <sup>12</sup>especialmente para a exposição<sup>13</sup>.

A exposição "O Museu Vivo de Engenho de Dentro" ocorreu durante os anos de 2003 e 2004 e contava com uma parcela de obras produzidas na época pelos atuais frequentadores do ateliê. A exposição tinha como proposta prestar homenagem aos funcionários, clientes e amigos que contribuíram para a construção da história do MII. Ou seja, as atividades desenvolvidas pelos ateliês terapêuticos buscam a consolidação das conquistas antimanicomiais em nosso país. Para atingir essa

---

<sup>10</sup> O museu Nise da Silveira foi substituído por museu Bispo do Rosário, localizado na antiga Colônia Juliano Moreira. A alteração do nome da instituição foi para homenagear o principal artista do acervo.

<sup>11</sup> Site Comciencia.br Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/entrevistas/Aguilar.htm> Acesso em: 25 de mar de 2021.

<sup>12</sup> Mazeredo é uma artista com reconhecimento mundial e utiliza principalmente materiais como mármore, resina, fibra e bronze em seus trabalhos artísticos.

<sup>13</sup> Site: ccms.saude.gov.br. Disponível em: [http://www.ccms.saude.gov.br/mostra\\_virtual/2002/cinco-artistas-de-engenho-de-dentro](http://www.ccms.saude.gov.br/mostra_virtual/2002/cinco-artistas-de-engenho-de-dentro) Acesso em: 06 de abril de 2021.

consolidação o contexto em que o ateliê se insere atualmente, tem buscado dar continuidade ao trabalho de Silveira<sup>14</sup>.

A exposição de itinerância desenvolvida pelo MII foi denominada "Nise da Silveira – Vida e Obra". Ela ocorreu em 2006 no Centro de Convivência Universitária da Universidade Federal da Bahia. Ainda, durante o ano 2006, ocorreu na Galeria de Arte do MAAC, da Universidade Estadual da Paraíba, e no ano de 2007, no Centro de Arte em Nova Friburgo-RJ.

A mostra "Raphael e Emygdio: dois modernos no Engenho de Dentro" ocorreu no IMS do Rio de Janeiro (2012) e no Instituto Moreira Salles de São Paulo (2013). Contou com a curadoria de Rodrigo Naves e de Heloisa Espada. Essa mostra é importante porque conta com a participação de dois artistas primórdios do ateliê, tendo sido assistidos pelo artista Almir Mavignier, o primeiro monitor, entre 1946 e 1951. Segundo Espada e Naves, curadores da exposição: "a mostra procurou explicitar que a qualidade das obras mostradas extrapola as razões científicas e terapêuticas que a princípio possibilitaram que elas fossem realizadas. Com a colaboração essencial do MII, o intuito foi oferecer ao público a oportunidade de rever esses artistas sob o ponto de vista da crítica de arte" (GRANDINO, 2012). Para os curadores, a mostra tinha por objetivo retratar dois dos maiores artistas brasileiros que, ocupavam na museologia e na história da arte um lugar aquém da qualidade de suas obras<sup>15</sup>.

Para comemorar os 70 anos dos ateliês do museu, suas principais coleções e a produção atual o MII inaugurou a exposição "Museu Vivo" em setembro de 2017. A exposição procurou

manter a preciosa base estrutural humanística legada pela mestra", como se lê no texto curatorial. Esse objetivo de fato é atingido por meio dos esforços de uma pequena equipe que luta para assegurar que os ateliês terapêuticos sigam em funcionamento do setor de ensino, pesquisa e divulgação em atividade e da reserva técnica com 360 mil obras em conservação em condições de qualidade (ITAÚ CULTURAL, 2017, p.82).

---

<sup>14</sup> Site ccms.saude.gov.br. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/museuvivo/index.php> Acesso em: 07 de abril de 2021.

<sup>15</sup> Site: vitruvius.com.br. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/jornal/agenda/read/3453> Acesso em: 28 de mar de 2021.

A exposição "Ocupação Nise da Silveira" ocorreu no Itaú Cultural aberta em 2017, apresentou materiais do acervo pessoal da Dra. Nise da Silveira, nunca antes exibidos em panorama tão amplo, que falam sobre sua família, sua prisão, a relação com o médico e pensador Carl Gustav Jung (1875-1961), a terapia por meio das atividades expressivas, o mergulho nas imagens do inconsciente, a arqueologia do psiquismo – sua forma particular de fazer ciência (ITAÚ CULTURAL, 2017, p.8).

Além disso, há ainda trabalhos dos clientes da Seção de Terapêutica e Reabilitação (STOR), do Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro sua contribuição no meio das artes, e o legado contemporâneo do MII e da Casa das Palmeiras (Ibidem).

Ainda no ano de 2017 ocorreu no Museu de Arte do Rio (MAR) uma exposição denominada "Lugares do delírio" com curadoria de Tania Rivera [Fig.5]. A exposição foi idealizada há mais de dois anos por seu primeiro diretor cultural, Paulo Herkenhoff. Segundo a curadora Tania Rivera, a exposição mostra que os lugares do delírio são muitos e variados, e tenta assim explorar e questionar as fronteiras entre normal e patológico, entre arte e vida, entre o museu e o mundo.



Fig. 5. Convite da exposição: "Lugares do Delírio". Fonte: <http://www.artes.uff.br/taniarivera/exposicoes/curaadoria-de-lugares-do-delirio-sesc-pompeia/>

Rivera, em entrevista a "Agenda Curta", diz que a proposta inicial era trazer a ideia da loucura para pensar em propostas políticas de inclusão. Além disso, colocar em questão a própria situação do sujeito no mundo. A exposição visou colocar em questão e recusar as fronteiras tradicionais entre o que é a loucura e o que é a normalidade e também as fronteiras relativas ao domínio da arte. A exposição buscou trazer artistas que tenham passado por experiências psicóticas, alguns mais conhecidos e outros menos. Rivera salienta que é importante não colocar fronteiras, distinções entre os artistas que passaram por experiências psicóticas e aqueles que não passaram por essa experiência.

Essa mostra dedicada ao delírio contou com numerosas propostas visuais dos artistas e buscou não distinguir pacientes e não pacientes do sistema de saúde mental, entrecruzar trabalhos de artistas de outras partes do Brasil e do mundo, alguns deles importantes, como a obra de Fernand Deligny em torno do autismo<sup>16</sup>. Dentre alguns dos grupos participantes temos: Lygia Clark, Lula Wanderley, Wladimir Dias Pino, Gustavo Speridião, Raphael Domingues, Fernando Diniz e Arthur Bispo do Rosário.

Com relação aos grupos participantes é importante chamar a atenção do artista e psiquiatra Lula Wanderley, que foi colaborador da Dra. Nise da Silveira no Rio de Janeiro. Segundo Lucero (2018),

Na tentativa de transformar o funcionamento psiquiátrico hospitalar, Lula Wanderley promove a autonomia individual por meio da inclusão de experiências artísticas e da improvisação, recorrendo ao corpo como instrumento de comunicação<sup>17</sup>.

Segundo Lucero (2018), para a exposição Lula Wanderley utilizou objetos de natureza relacional, como uma máscara elástica que poderia ser manipulada por duas pessoas ao mesmo tempo.

Outro artista que merece destaque é Fernando Diniz cuja obra apresentada foi "*Tapete Digital*". *Essa obra consiste na utilização de velhos lençóis que a*

---

<sup>16</sup> Site: [museudeartedorio.org.br](http://museudeartedorio.org.br). Disponível em: <http://museudeartedorio.org.br/programacao/lugares-do-delirio/>> Acesso em: 29 de abril de 2021.

<sup>17</sup> En el intento de transformar el funcionamiento psiquiátrico hospitalario Lula Wanderley promueve la autonomía individual mediante la inclusión de experiencias artísticas y la improvisación, apelando al cuerpo como instrumento de comunicación.

administração hospitalar descartou e foram recuperados por Fernando Diniz, que os costurava para construir um suporte para as pinturas de grandes dimensões, denominado Tapetes digitais<sup>18</sup>.

As práticas curatoriais da exposição foram pensadas de forma cuidadosa e com foco em detalhes específicos buscando aprimorar o tema dos artistas.

## 2.1 O olhar para fora

Outro ponto importante dentre as exposições se refere aquelas que ocorreram fora do país que devem ser observadas de uma maneira muito particular.

O MII especificamente está entre os primeiros fenômenos de institucionalização da arte alienada, dentro e fora do Brasil. Para tanto, conta com exposições que ocorrem não só em âmbito nacional. Nesse subitem definirei as exposições que ocorreram em âmbito internacional, ao longo de diferentes épocas, mostrando como a questão da visibilidade é extremamente importante nos dias de hoje para o museu.

Em 1944, ocorreu em Frankfurt uma exposição denominada: "O Gato como Co-Terapeuta".

Em 1955, Nise da Silveira mandou uma coleção de fotos das imagens produzidas no Engenho de Dentro para Carl Gustav Jung, em Zurique. Dois anos depois, foi a Zurique e participou do II Congresso Internacional de Psiquiatria, onde estava incluída uma grande exposição internacional de pinturas de doentes mentais. Nessa ocasião a psiquiatra brasileira levou o material do Engenho de Dentro, fazendo com que em 1957 ocorresse uma grande exposição em Zurique denominada a "A arte e a esquizofrenia" organizada por Jung que continha trabalhos dos clientes da Dra. Nise da Silveira (OGLOBO, 16 de abril de 1975, p.12).

Como dito antes, ainda no ano de 1955 o MII participa da exposição Artes Primitivas e Modernas Brasileiras, no Museu de Etnografia de Neuchatel, Suíça<sup>19</sup>. Os

---

<sup>18</sup> Site: [galeriaestacao.com.br](http://galeriaestacao.com.br). Disponível em: [http://www.galeriaestacao.com.br/imagens/expo\\_pdf/FD2019.pdf](http://www.galeriaestacao.com.br/imagens/expo_pdf/FD2019.pdf) Acesso em: 29 de abril de 2021.

<sup>19</sup> Site [ccms.saude.gov.br](http://ccms.saude.gov.br). Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/datas-fatos.php> Acesso em: 26 de mar de 2021.

artistas participantes foram Arnaldo Pedroso D'Horta e Emygdio de Barros e o organizador da mostra foi o diplomata Wladimir Murtinho.

Em 1987 a exposição "Os Inumeráveis Estados do Ser" foi exibida em vários estados do Brasil. Posteriormente, no ano de 1994 foi exibida na Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal e em 1995 no Instituto Ítalo Latinoamericano de Roma, como representante da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, por ocasião das comemorações do cinquentenário da Organização das Nações Unidas<sup>20</sup>.

No ano de 1994 também aconteceu a exposição Images of the Unconscious from Brazil que ocorreu na Feira do Livro de Frankfurt, Alemanha<sup>21</sup>. Até o fim do século 17, Frankfurt sediou a mais importante feira do livro na Europa. Ela voltou a ocorrer em 1949, sendo considerada a maior do mundo, contando não só com a presença de livros, mas também com eventos paralelos relacionados ao mundo literário. No ano de 1951 a Feira do Livro se mudou para um parque de exposições, devido ao fato das editoras do exterior quererem espaço. Com isso, em 1953, pela primeira vez havia mais editores estrangeiros do que alemães expondo na feira. Além disso, todo ano um país recebe um espaço especial e a data da feira, já virou tradição, ocorrendo em outubro. O primeiro país convidado foi a Itália e o Brasil esteve em foco no ano de 1994 e 2013<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Site [ccms.saude.gov.br](http://www.ccms.saude.gov.br). Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/datas-fatos.php> Acesso em: 26 de mar de 2021.

<sup>21</sup> Site [ccms.saude.gov.br](http://www.ccms.saude.gov.br). Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/datas-fatos.php> Acesso em: 26 de mar de 2021.

<sup>22</sup> Site [dw.com](https://www.dw.com). Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/feira-do-livro-de-frankfurt-completa-70-anos/g-50793706> Acesso em: 06 de abril de 2021.

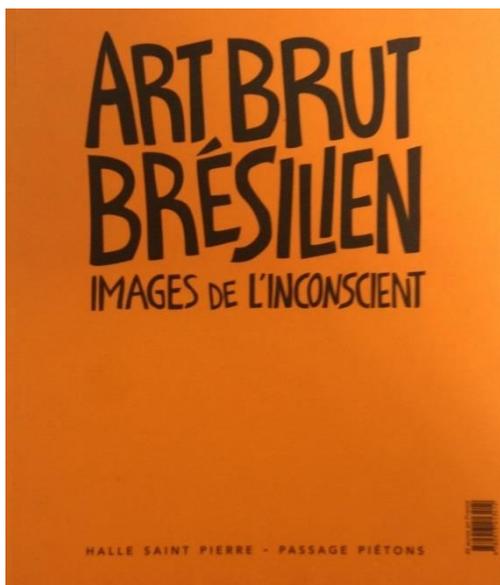


Fig.6. Catálogo da exposição "Art Brut Brésilien, Images de l'Inconscient"; Fonte: <https://www.hallesaintpierre.org/librairie/catalogues-dexpositions/>

Em 2005 o MII apresenta a exposição de 182 obras "Art Brut Brésilien, Images de l'Inconscient", no Halle Saint Pierre, em Paris, no âmbito do Ano do Brasil na França. A descrição do catálogo da exposição [Fig.6] conta com textos de Martine Lusardy e Luiz Carlos Mello. O Halle Saint Pierre abriga um museu e uma galeria e é voltado para as exposições referentes a arte bruta e a arte singular. Também realiza eventos, como o seminário mensal de arte e terapia. A França convida países estrangeiros para compor o evento cultural, levando, em 2005, a ocorrência do Ano do Brasil na França que foi dividido em três etapas diferentes. O evento consistiu em homenagear à diversidade e à modernidade da Cultura Brasileira.

A exposição "Artame Gallery: Arte Solidariedade" integrante do projeto Ano da França no Brasil, ocorreu em dois espaços diferentes. No período de 6 de novembro de 2009 a 31 de janeiro de 2010 ocorreu no Museu de Imagens do Inconsciente e no período de 11 de novembro de 2009 a 31 de janeiro de 2010 ocorreu no Centro Cultural Justiça Federal. Foram apresentadas obras de 44 artistas plásticos franceses e 15 brasileiros<sup>23</sup>.

<sup>23</sup>

Site: [bvsmms.saude.gov.br](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ArtameGalleryArteSolidariedade-CATALOGODAMOSTRA.pdf). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ArtameGalleryArteSolidariedade-CATALOGODAMOSTRA.pdf> Acesso em: 31 de mar de 2021.

em:

A exposição "Espectros de Artaud. Lenguaje y arte en los años cincuenta" ocorreu em setembro de 2012 no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía e conta com cerca de trezentas obras de artistas de três grandes espaços geográficos - França, Estados Unidos e Brasil. Vale ressaltar a participação dos artistas Emygdio de Barros e Carlos Pertuis. Os documentos da exposição datam de 1949 e se referem à exposição 9 artistas de Engenho de Dentro do Rio de Janeiro.

Outra exposição que ocorreu no período de 05 de setembro a 01 de novembro de 2020 é denominada: "Museu de Imagens do Inconsciente na 11ª Bienal de Berlim" que contou com a curadoria de María Berríos, Renata Cervetto, Lisette Lagnado e Agustín Pérez Rubio. Os curadores selecionaram 22 obras dos artistas Adelina Gomes (1916-1984) e Carlos Pertuis (1910-1977)<sup>24</sup>.

Segundo a curadora, Lisette Lagnado o escopo curatorial da 11ª Bienal de Berlim procurou entender os vários sentidos derivados da noção de "experiência", que foi desenvolvida pelo artista e arquiteto do modernismo antropófago, Flávio de Carvalho (1899-1973). Essa edição da Bienal compartilhou seu processo de pesquisa ao público local por meio de exposições, rodas de conversa, performances e workshop, na sede que alugou no bairro de Wedding. "The Crack Begins Within" [A rachadura inicia-se por dentro] é o título do epílogo, resultante de três momentos anteriores, as "exp. 1", "exp. 2" e "exp. 3" (REVISTA MUSEU, 2020).

A curadoria desta edição da Bienal de Berlim apresentou obras do Museu de Arte Osório César, Franco da Rocha, e do Museu de Imagens do Inconsciente, Rio de Janeiro, enfatizando a questão da saúde mental e pública, de um estado de vulnerabilidade vivenciado a nível global (Ibidem). A 11ª Bienal de Berlim apresentou outras iniciativas engajadas na "mudança dos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos", entre elas: "Debajo del sombrero", "La rara troupe" e o coletivo "Feminist Health Care Research Group", cada qual utilizava uma plataforma distinta, reunindo artistas em serviços de cuidados (Ibid.).

---

<sup>24</sup> Site [sopacultural.com](https://www.sopacultural.com/exposicao/museu-de-imagens-do-inconsciente-bienal-de-berlim-parque-nise-da-silveira-inventario-de-22-mil-obras-e-site-bilingue-com-400-obras/). Disponível em: <https://www.sopacultural.com/exposicao/museu-de-imagens-do-inconsciente-bienal-de-berlim-parque-nise-da-silveira-inventario-de-22-mil-obras-e-site-bilingue-com-400-obras/> Acesso em: 26 de mar de 2021.

## 2.2 O coração da loucura

Além dessas exposições que ocorreram internacionalmente, o cinema também foi importante, permitindo gerar uma repercussão do MII tanto no Brasil quanto no exterior. Em seguida, serão listadas as mais importantes.



Fig.7. Longa-metragem "Nise – O coração da loucura". Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/>

No cinema, o longa-metragem que ganhou prêmios e repercussão no Brasil e no exterior foi "Nise - O coração da loucura" [Fig.7], sob a direção do cineasta Roberto Berliner. As duas últimas exhibições em mostras fora do país ocorreram em Gotemburgo (Suécia) e Glasgow (Escócia). O enredo se concentra entre meados dos anos 1940 e início dos anos 1950, na fase posterior à saída da Dra. Nise da Silveira da prisão<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Site issuu.com. Disponível em: [https://issuu.com/revistacontinente/docs/185\\_-\\_mai\\_16\\_-\\_nise\\_da\\_silveira](https://issuu.com/revistacontinente/docs/185_-_mai_16_-_nise_da_silveira) Acesso em: 26 de mar de 2021.

No ano de 1996 ocorreu o lançamento do curta-metragem Estrela de Oito Pontas, com roteiro de Fernando Diniz, que era interno do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro e cliente da Dra. Nise. O curta contou com a participação do cineasta de animação Marcos Magalhães e ganhou vários prêmios nacionais e internacionais. O universo pessoal do artista foi mostrado por meio de desenhos animados e animação de massa de modelar. O desenho animado ganhou prêmio Tatu de Ouro - Melhor Filme de Animação/Experimental na 23ª Jornada de Cinema da Bahia, 1996, Melhor Montagem, Melhor Música e Prêmio da Crítica no 24º Festival de Gramado, 1996 e Melhor Filme de Animação no Festival de Havana, 1997<sup>26</sup>.

Outro filme que rodou festivais dentro e fora do Brasil foi "Olhar de Nise" dirigido por Jorge Oliveira e Pedro Zoca. O documentário tem duração de 90 minutos e traz a memória de Nise da Silveira como fio condutor da narrativa, enfocando as passagens mais marcantes da sua vida<sup>27</sup>.

Na visão de Jorge Oliveira o seu filme faz um contraponto a "Nise – O coração da loucura", do Berliner, ao mostrar outros fatos da história da personagem, como a sua saída de Maceió (AL); a chegada ao Rio de Janeiro para morar no Bairro de Santa Teresa, onde travou amizade com o poeta recifense Manuel Bandeira; a entrada no serviço público e o retorno ao hospital, depois de solta. Outro ponto alto de "Olhar de Nise" é a presença do Almir Mavignier no filme<sup>28</sup>.

O filme foi exibido pela primeira vez na "Mostra Panorama Brasil do 48 Festival do Cinema Brasileiro de Brasília", o documentário passou também em Los Angeles (EUA). Em 2016, foi selecionado para festivais de cinema nos Estados Unidos, Inglaterra e Portugal<sup>29</sup>.

Essas exposições, documentários e filmes apresentados nos mostram a circulação globalizada da arte e como ela é importante para gerar visibilidade para a instituição.

---

<sup>26</sup> Site: [acervo.mis-sp.org.br](https://acervo.mis-sp.org.br). Disponível em: <https://acervo.mis-sp.org.br/filme/estrela-de-oito-pontas> Acesso em: 30 de mar de 2021.

<sup>27</sup> Site [issuu.com](https://issuu.com). Disponível em: [https://issuu.com/revistacontinente/docs/185\\_-\\_mai\\_16\\_-\\_nise\\_da\\_silveira](https://issuu.com/revistacontinente/docs/185_-_mai_16_-_nise_da_silveira) Acesso em: 26 de mar de 2021.

<sup>28</sup> Site [issuu.com](https://issuu.com). Disponível em: [https://issuu.com/revistacontinente/docs/185\\_-\\_mai\\_16\\_-\\_nise\\_da\\_silveira](https://issuu.com/revistacontinente/docs/185_-_mai_16_-_nise_da_silveira) Acesso em: 26 de mar de 2021.

<sup>29</sup> Site [issuu.com](https://issuu.com). Disponível em: [https://issuu.com/revistacontinente/docs/185\\_-\\_mai\\_16\\_-\\_nise\\_da\\_silveira](https://issuu.com/revistacontinente/docs/185_-_mai_16_-_nise_da_silveira) Acesso em: 26 de mar de 2021.

Segundo Cabañas (2017) o que se tornou "novo" no circuito global contemporâneo, ao longo dos anos 2010, foram os motes da "loucura", do "outsider" e do autodidata. Segundo ela esses motes foram frequentemente incluídos em exposições nas quais os curadores elegiam a beleza, a poética e a imaginação como temas unificadores. A pesquisadora questiona em seu texto se as exposições globais são capazes de explicar ou pelo menos de abordar as divergentes histórias da crítica e da clínica.

Como prática curatorial contemporânea, Cabañas (2017) afirma que a justaposição do trabalho dos pacientes psiquiátricos e da arte moderna e contemporânea tem uma longa história no Brasil, que inclui o apoio dado respectivamente por Osório César e Mário Pedrosa à exibição do trabalho dos pacientes. Mas o fato de o país contar com histórias como essas não significa que encarnações atuais de tal prática curatorial estejam livres de problemas. A partir disso, para se pensar no circuito global contemporâneo deve-se levar em conta a prática curatorial, refletindo se ela está sendo bem pensada e organizada ou não.

Com base nisso, cabe também se pensar em uma arte não adjetivada. A arte produzida pelos clientes do ateliê de pintura do MII é colocada em um campo singular de produção, sempre adjetivada como imagens do inconsciente, arte bruta. Essa adjetivação acaba diminuindo essa arte, restringindo-a a questão da loucura. Acaba sendo característica de um movimento que buscou distinguir a produção dos "loucos" e dos "normais", versus modernos e contemporâneos. A busca por uma arte sem adjetivação se dá justamente pela procura da valorização da arte em si e não no sujeito criador. O fato do artista ser um "doente mental" ou não deve ser pensado como um fator indiferente na valorização da sua produção artística. Essa arte vem sendo objeto de exposições, inclusive internacionalmente, mostrando a importância dessa produção artística e reforçando a necessidade da afirmação desse movimento em busca da não adjetivação.

Para tanto, a reflexão sobre a prática curatorial é atualmente bastante importante para que seja ressaltada e enfatizada a relevância da produção artística em si e do contexto no qual ela foi realizada, evitando que os objetos sofram um processo de descontextualização.



### Capítulo 3 – Personagens eleitos para representar o Museu

Inicialmente, é preciso salientar que o processo de musealização das obras no MII ocorre desde a criação das obras nos ateliês terapêuticos até a formação das coleções, coleções estas que estão diretamente relacionadas com a produção artística. O pertinente dessa questão é pensar como essas obras são vistas. Todos os clientes frequentadores desses ateliês podem ser considerados artistas? Eles se consideram artistas? Para tentar responder essas questões a curadoria das exposições deve ser bem planejada, levando em consideração os questionamentos anteriores. Além disso, "os museus selecionam determinados artistas e ao fazerem essa seleção, buscam mostrá-los não só como representações de uma dada cultura artística, mas também como modelos para a reprodução da sua própria representação" (OLIVEIRA, 2009, p.203-204).

Sendo assim, neste capítulo me deterei em mostrar quais são os artistas-modelos, ou seja, aqueles selecionados pelo MII para retratar a sua história. Os artistas-modelos enfatizados pela instituição são os clientes que Nise da Silveira acompanhou durante a internação no Centro Psiquiátrico Nacional e nos ateliês.

Adelina Gomes (1916-1984) era uma humilde camponesa do Estado do Rio de Janeiro. Problemas emocionais e afetivos causaram sua internação no Centro Psiquiátrico Nacional, na década de 1940<sup>30</sup>.

Suas esculturas [Fig.8] possuem um arcaísmo que faz lembrar as grandes deusas da Idade da Pedra. Na pintura, o tema das metamorfoses vegetais e animais e do encontro homem/mulher predominam. A riqueza de sua história e a pujança de sua arte foi mostrada no filme "No Reino das Mães", que integra a trilogia *Imagens do Inconsciente*, filme de longa metragem realizado por Leon Hirszman em 1982<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Site 11ª Bienal de Berlim. Disponível em: [museuimagensdoinconsciente.org.br](http://museuimagensdoinconsciente.org.br). Acesso em fevereiro de 2021.

<sup>31</sup> O cineasta Leon Hirszman realizou a trilogia *Imagens do Inconsciente* com os seguintes episódios: *Em Busca do Espaço Cotidiano* (sobre Fernando Diniz), *No Reino das Mães* (sobre Adelina Gomes) e *A Barca do Sol* (sobre Carlos Pertuis). Cabe ressaltar que, o encontro entre a psiquiatra Nise da Silveira e o cineasta Leon Hirszman foi marcado pela não dissociação da política, sociedade e arte.



Fig. 8. Esq. Cópia em gesso de modelagem em barro, 20 x 34 x 24 cm, d. 1950 — dir. Cópia em gesso de modelagem em barro, 20 x 34 x 24 cm, sem data. Fonte: <https://medium.com/@caioandart/adelina-gomes-metamorfozes-550a5210523c>

Abelardo Corrêa (1914-1982) tinha curso ginásial incompleto e frequentou as aulas de desenho no Liceu de Artes e Ofícios. Diferentemente dos outros frequentadores dos ateliês de pintura e modelagem do Museu, Abelardo não era um leigo, e sim uma espécie de artesão, herança do tempo do aprendizado no Liceu. O grande destaque de sua obra é, sem dúvida, suas modelagens [Fig.9], realizadas na década de 1950<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Site Cinco Artistas de Engenho de Dentro. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/index.php> Acesso em fevereiro de 2021.



Fig.9. Modelagem realizada por Abelardo Corrêa. Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/abelardo.php>

Segundo Almir Mavigner, Arthur Amora teve uma breve passagem pelo hospital no final da década de 1940, e não há maiores dados a seu respeito. Considerava o branco e o preto como cores suficientes para seu trabalho. Porém, recusou-se a mostrá-lo a seus parentes, pois temia ser considerado perigoso. Produziu cinco óleos, quatro desenhos e projetos sobre papel. Depois, afastou-se do hospital.

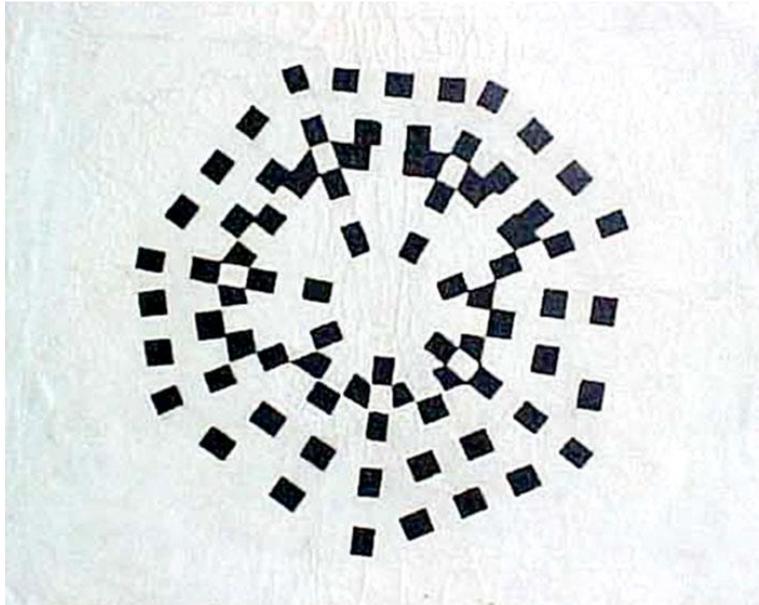


Fig.10. Composição de Arthur Amora, s.d. Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/amora.php>

Suas composições em branco e preto [Fig.10] foram realizadas aproximadamente entre 1949 e 1951. Na mesma época, grupos de pintores autointitulados "concretos", influenciados pela pintura "concreta" suíça - de caráter geométrico -, discutiam no eixo Rio-São Paulo sobre quem seriam os pioneiros do movimento no Brasil. Segundo Bôas (2008), a história do ateliê do Engenho de Dentro está vinculada ao movimento concretista que se iniciou nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, no período do pós-guerra, mudando radicalmente o perfil da arte moderna no Brasil da segunda metade do século XX. Os trabalhos de Amora revelam um geometrismo consequente e livre de influências estrangeiras<sup>33</sup>.

Já Carlos Pertuis (1910-1977), em 1946, começou a frequentar o ateliê da Seção de Terapêutica Ocupacional, trazido por Almir Mavigner, que soube que ele guardava em caixas de sapatos na enfermaria, os desenhos que fazia. Amava o museu, o ateliê de pintura, a oficina de encadernação, onde passava o dia inteiro, e sentia-se em casa. Além disso, consertava tacos soltos e verificava no fim do expediente se as janelas estavam fechadas. Produziu com intensidade cerca de 21 mil e 500 trabalhos - desenhos, pinturas, modelagens, xilogravuras, escritos - até sua

<sup>33</sup> Site Cinco Artistas de Engenho de Dentro. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/index.php> Acesso em fevereiro de 2021.

morte em 1977. Na década de 1950 produziu uma série de obras que foi denominada: A série do circo<sup>34</sup> [Fig.11].



Fig. 11. Uma das obras de Carlos Pertuis referente "A série do circo". Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/carlos.php>

Emygdio de Barros (1895-1986) é considerado um dos artistas que apresenta um alto nível artístico segundo a crítica especializada. Suas obras foram desde cedo reconhecidas no mundo da arte, o que acabou levando Mário Pedrosa, Abraham Palatnik dentre outros, a visitá-lo frequentemente. Em fevereiro de 1947, após 23 anos de internação, começou a frequentar o ateliê da Seção de Terapêutica Ocupacional. Em 1965 foi reinternado. Depois, esteve em uma clínica geriátrica onde recebia visitas dos funcionários do museu que lhe levavam material de pintura. Segundo Ferreira Gullar (*apud* TOLEDO, 2011), as obras de Emygdio são consideradas uma das mais preciosas expressões da pintura brasileira, em todas as épocas. Afirma que:

Quando por mais não fosse, só ter resgatado do abismo da loucura a criatividade de um homem como Emygdio de Barros já consagraria Nise da Silveira como uma benemérita da humanidade. Não pretendo com isso dizer que o valor artístico é a única justificativa do método terapêutico de Nise da

<sup>34</sup> Site Cinco Artistas de Engenho de Dentro. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/index.php> Acesso em fevereiro de 2021.

Silveira. Entendo, pelo contrário, que o alto valor estético da obra de Emygdio, dado como um doente crônico, com a mente deteriorada, revela um equívoco da psiquiatria tradicional ao mostrar que, sob a camada de incongruências e incomunicabilidade, pode estar um ser humano capaz de expressar visões inusitadas do mundo e revelar-lhe sua beleza. Isso aconselha a tratar-se os doentes mentais, não com choques e mutilações, mas com afeto e cuidados extremos.

Emygdio se recusava a pintar na clínica e dizia que só pintaria no ateliê do museu. Dizia que: *"O importante não é só pintar, é ter ideias para pintar. Aqui na clínica eu não tenho ideias para pintar. Só no Museu."* Emygdio volta a frequentar regularmente o Museu de Imagens do Inconsciente, onde pinta até o seu falecimento em 5 de maio de 1986, aos 92 anos. Deixou no acervo do Museu um legado de cerca de 3.300 obras [Fig.12], dentre elas uma série de guaches realizada na década de 50<sup>35</sup>.

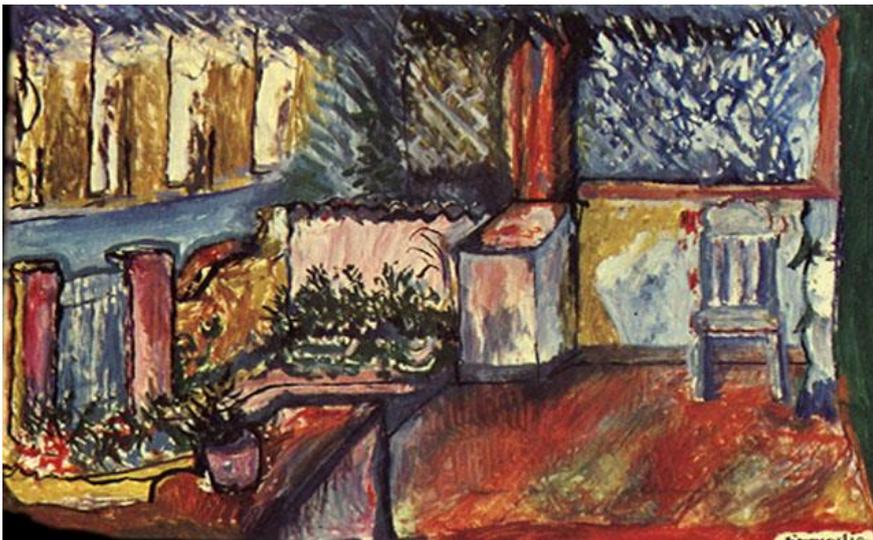


Fig.12. Pintura, 1968, Emygdio de Barros.  
Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra11558/sem-titulo>

Geraldo Aragão nasceu em 1929 no estado da Bahia e chegou ao Centro Psiquiátrico Pedro II em 1956, onde passou por quatro internações. Em 1960, por desejo da família, retornou a Salvador, Bahia. Não se conformava com os ditos "tratamentos de saúde" que recebia dos médicos, chamando-os de "casaca branca". O ponto alto da sua expressão são as fotografias [Fig.13] feitas na década de 50, em

<sup>35</sup> Site Cinco Artistas de Engenho de Dentro. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/index.php> Acesso em fevereiro de 2021.

que capta ora paisagens e cenas da cidade, ora formas abstratas, sempre buscando o contraste entre luz e sombra, atingindo alto nível de qualidade<sup>36</sup>.

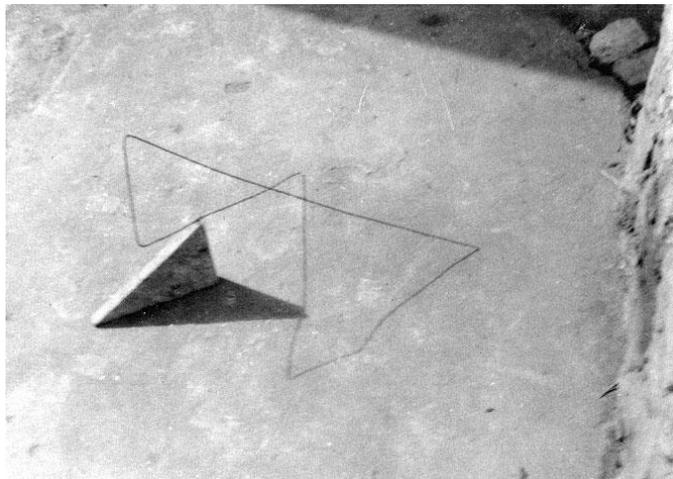


Fig. 13. Fotografia de Geraldo Aragão. Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/geraldo.php>.

Silveira (2017) menciona o artista Fernando Diniz (1918-1999) que busca retratar o espaço cotidiano em suas obras, tentando recuperar a realidade. Recorre ao enquadramento dos objetos para retê-los e retirá-los do fluxo perturbador de sensações e imagens. Posteriormente, surge a figura humana, até então ausente na sua pintura.

Fernando Diniz nasceu em Aratu, Bahia. Em sua obra mescla o figurativo e o abstrato, abarcando das mais simples às mais complexas estruturas de composição [Fig.14]. Sua produção no museu é muito variada e estima-se em cerca de 30 mil obras: telas, desenhos, tapetes, modelagens<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Site Cinco Artistas de Engenho de Dentro. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/index.php> Acesso em fevereiro de 2021.

<sup>37</sup> Site ccms.saude.gov.br. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariodomuseu/fernando-diniz.php> Acesso em: 03 de mai de 2021

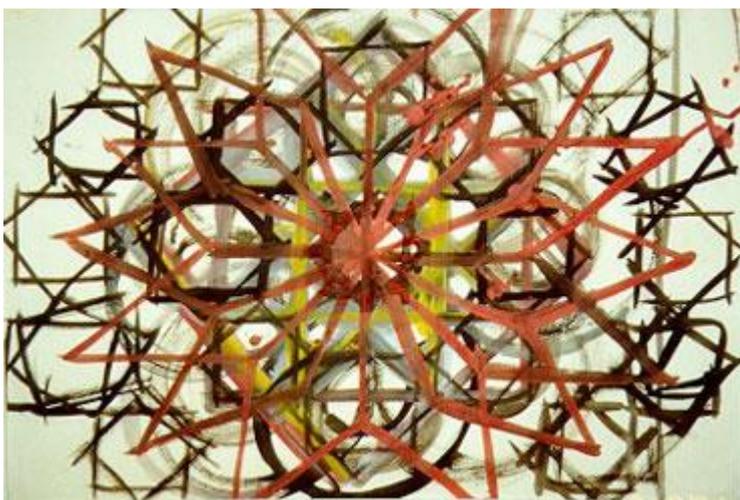


Figura 14. Guache sobre papel - Sem data (33 x 55 cm), Fernando Diniz. Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariodomuseu/fernando-diniz.php>

Outro cliente mencionado por Silveira (2017) é Raphael Domingues (1913-1979) que foi internado em 1932 e começou a frequentar o atelier em 1946. De início apenas traça pequenas linhas cruzadas que logo se ampliam em coloridos desenhos abstratos e em figuras estilizadas [Fig.15]. Havia encontrado apoio afetivo em Almir Mavignier, sempre presente enquanto desenhava. Mas, Mavignier partiu para Europa e o monitor, em serviço no atelier, apesar de seus esforços, não conseguiu atraí-lo. Então, ele entra em declínio. Seu desenho reduz-se a pequenos traços repetidos. Posteriormente, a desenhista Martha Pires Ferreira foi convidada para ir ao hospital trabalhar com Raphael. Havia algo comum entre a expressão artística de Martha e alguns desenhos anteriores de Raphael. A primeira sessão foi em novembro de 1969.



Fig.15. Pintura, 1948, Raphael Domingues. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra11566/sem-titulo>

Por fim, Olívio Fidélis nasceu em 1930 e foi internado em 1967, no Centro Psiquiátrico Pedro II. Gostava de desenhar no pátio do hospital e realizou um desenho com um prego no muro. O desenho era de um homem sendo engolido por um grande peixe. Depois disso, no mesmo ano, começou a frequentar o ateliê de pintura do MII, mas a sua permanência foi curta já que preferia desenhar no pátio. Não gostava de pessoas por perto e não demonstrava vontade de conversar, negando estar num hospital, dizia que se escondera neste lugar fugindo de inimigos. Ficava desenhando e somente às vezes falava de coisas relacionadas com os assuntos de sua pintura. Quase todas as suas pinturas se referiam ao mar. Dizia que pintava aquilo que via, tudo é visto em vidência [Fig.16]. Pouco depois de fazer imagens de renascimento, Olívio fugiu do hospital e não se soube qualquer notícia de seu destino<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> Site Cinquentenário do Museu de Imagens do Inconsciente. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariodomuseu/olivio-fidelis.php> Acesso em fevereiro de 2021.



Fig.16. Guache sobre papel, 1967 (33 x 48 cm), Olívio Fidélis. Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariodomuseu/olivio-fidelis.php>

## Capítulo 4 – A história da médica psiquiatra Nise da Silveira

Ao longo dos capítulos anteriores abordei a história do MII e para compor esse capítulo é fundamental retratar a história da Dra. Nise da Silveira [Fig.17], que está diretamente relacionada com a criação do museu, sendo uma importante contribuidora para revolucionar as práticas terapêuticas dos indivíduos portadores de sofrimento psíquico. Para tanto, é importante pensar formas na qual seja possível dar continuidade a memória da Dra. Nise no presente século.



Fig. 17. Nise da Silveira no ateliê na companhia de alguns clientes | fotos: autores desconhecidos/Arquivo Nise da Silveira. Fonte: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/nise-da-silveira-e-a-arte-como-cura/>

Nise da Silveira nasceu em 1905 em Maceió, Alagoas, era filha do jornalista Faustino Magalhães da Silveira e da pianista Maria Lydia da Silveira. Foi a única mulher formada em medicina em sua turma de 157 homens na década de 1920, como apontam trabalhos (i.e. Carvalho; Amparo, 2006). Em 1926, ela se formou pela Faculdade de Medicina da Bahia e recusava as formas agressivas de tratamento da época, tais como a internação, os eletrochoques, a insulinoterapia e a lobotomia. Dedicou-se ao estudo da psiquiatria e se mudou para o Rio de Janeiro logo após a sua formatura, devido ao falecimento do seu pai.

Em 1933, após concurso público, iniciou seu trabalho no antigo Hospício da Praia Vermelha. Nesse mesmo ano, durante o governo Vargas, foi presa durante 15 meses, acusada de ser comunista por ter participado da União Feminina do Brasil,

entidade responsável pela defesa dos direitos das mulheres. Nesse período, conviveu com intelectuais e militantes, dentre eles, Graciliano Ramos, Olga Benário e outros perseguidos políticos. Essa experiência foi importante em sua vida e em sua concepção de liberdade, influenciando o desenvolvimento de seu trabalho com os clientes internos no hospital (CARVALHO; AMPARO, 2006).

Fruto do seu trabalho, Nise da Silveira introduziu a psicologia junguiana no Brasil e foi pioneira na pesquisa das relações afetivas entre pacientes e animais, aos quais chamava de coterapeutas. Também foi pioneira no processo libertário da Reforma Psiquiátrica no Brasil, criando a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro. Nos ateliês, os clientes da Dra. Nise desenvolviam trabalhos manuais e atividades artísticas como música, pintura, modelagem e teatro. No hospital psiquiátrico, Silveira contava com meios precários, cheio de incompreensões e preconceitos. Foi nesse meio conturbado, que fundou, no hospital, o Museu de Imagens do Inconsciente, que contava com o acervo produzido pelos frequentadores dos ateliês, possibilitando que o patrimônio científico e cultural fosse reconhecido mundialmente.

Silveira passou por dificuldades evidentes, os conceitos e os métodos que se delinearam ao longo de sua trajetória encontraram grandes dificuldades de aceitação em seu tempo de vida. Mas, ao mesmo tempo, a versão enaltecida, heroica e afetiva é predominante em sua biografia. Depoimentos da psiquiatra e de aliados registram essas adversidades. Destaque para as tentativas de fechamento de suas instituições; a depredação das instalações ocupacionais; e, o envenenamento e a morte dos animais coterapeutas utilizados na STOR, na década de 1970 (MELLO *apud* MAGALDI, 2019, p.641).

Mesmo com as dificuldades vividas pela Dra. Nise é interessante ressaltar a sua busca constante por mudança. Tinha preocupação em catalogar os documentos plásticos produzidos pelos seus clientes, se abstendo do julgamento estético das pinturas produzidas no ateliê do Engenho de Dentro. Mesmo mantendo essa postura de se abster do julgamento estético, esse fator não impediu que muitas dessas obras fossem avaliadas por integrantes do campo artístico do ponto de vista estético e consideradas “obras de arte”, vindo, inclusive, a fazer parte de exposições em museus de arte internacionais (TOLEDO, 2011).

Outra preocupação que a Dra. Nise tinha era referente aos monitores dos ateliês. Para tanto, contava com a presença constante de um monitor, que visava, não a interferência nos trabalhos dos clientes, mas a busca de um afeto catalisador que estimulasse a criatividade e permitisse restaurar pontes de comunicação com o mundo no qual viviam. Valorizava a pessoa humana do monitor em busca da sua sensibilidade e intuição, que favoreceriam uma experiência artística potente. Para tanto, organiza cursos para a formação continuada dos monitores que trabalham nos ateliês. Para Silveira, compreender o processo psicótico e o de cura posto em marcha pela atividade artística necessitava da experiência interdisciplinar em áreas específicas da psiquiatria e psicologia à mitologia, arte e antropologia. Era importante fazer conexões entre as imagens produzidas, a situação emocional do interno e as produções culturais de outras épocas e outros lugares, por meio do estudo de séries de imagens (CASTRO; LIMA, 2007).

Cabe ressaltar que, em 1952, o critério que se estabeleceu para a criação do Museu de Imagens do Inconsciente foi o científico. Seguindo os critérios de análise propostos pela teoria junguiana, as obras foram catalogadas como “documentos plásticos” podendo ser estudados em série. Assim, a aliança estreita entre psiquiatria, psicanálise e artes plásticas que estava na origem do ateliê de pintura foi desfeita (TOLEDO, 2011).

Com base nas análises referentes a trajetória da Dra. Nise é possível perceber a preocupação que ela tinha em valorizar a pessoa humana, trazendo inovações para diversas áreas do conhecimento. A partir disso, conseguiu realizar diversas conquistas para a transformação do pensamento sobre o louco e a loucura. É interessante perceber que aos poucos diversas estratégias permitiram que as obras e seus artistas fossem se desprendendo de sua origem psiquiátrica para migrarem para o percurso no universo cultural, contribuindo para a transformação do pensamento do louco e da loucura. Para tanto, diversos agentes foram envolvidos nesse processo, desde as inúmeras exposições das obras do acervo, realizadas no Brasil e no exterior, a criação do Museu de Imagens do Inconsciente, a participação de artistas e críticos e a atmosfera cultural em que se desenvolveu essa aventura teórico-prática (LIMA; PELBART, 2007).

Nise da Silveira foi detentora de numerosos títulos, comenda, medalhas de mérito e teve amplo reconhecimento em vida de sua obra e teve um papel importante para a psiquiatria. Dentre alguns dos prêmios temos: "*Ordem do Rio Branco*", no Grau de Oficial, pelo Ministério das Relações Exteriores, 1987; "*Prêmio Personalidade do Ano*", da Associação Brasileira de Críticos de Arte, 1992; "*Medalha Chico Mendes*", do grupo Tortura Nunca Mais, 1993 e "*Ordem Nacional do Mérito Educativo*", pelo Ministério da Educação e do Desporto, 1993<sup>39</sup>.

Os trabalhos da Dra. Nise serviram de inspiração para a criação de museus, centros culturais e instituições terapêuticas em diversos estados do Brasil e no exterior, como por exemplo: *Museu Bispo do Rosário*, da Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro- RJ; *Centro de Estudos Nise da Silveira* em Juiz de Fora -MG; *Espaço Nise da Silveira*, do Núcleo de Atenção Psico-Social em Recife -PE; *Centro de Estudos Imagens do Inconsciente*, da Universidade do Porto em Porto, Portugal, entre outros<sup>40</sup>.

Silveira teve um papel importante para a psiquiatria, inspirando várias pessoas que conviveram com ela. Gonzaga Leal, artista e terapeuta ocupacional, era amigo pessoal da Dra. Nise. Ele afirma que:

Estar junto dela era objeto de amor. A Nise, para mim, é uma grande inspiração. Ela era uma mulher de uma cultura muito superior e de uma curiosidade absurda; uma mulher que, como ela dizia, era um Lampião, no melhor sentido da coragem, de ser destemida e, além de tudo, uma nordestina; uma mulher que andava de braços colados com o seu desejo (...) Nise da Silveira é mais do que atual, é sinônimo de resistência atemporal e expansão do pensamento. A Nise é uma das grandes brasileiras, ela continua vivíssima e acho que temos muitas provas da existência dela (DULCE, 2018).

A partir disso, percebe-se a importância da Dra. Nise que, mesmo com o passar dos anos, não deixa de ser uma constante inspiração para vários estudiosos das diversas áreas do conhecimento.

---

<sup>39</sup> Site elfikurten.com.br. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/nise-da-silveira.html>  
Acesso em: 2 de mai. de 2021.

<sup>40</sup> Site elfikurten.com.br. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/nise-da-silveira.html>  
Acesso em: 2 de mai. de 2021.

## Considerações finais

O museu, especificamente o caso do MII, mostra como a instituição museu é plural. Isso, porque a forma como ela vai ser pensada e estruturada depende de uma série de fatores. Como já foi tratado ao longo dos capítulos, o MII é uma instituição múltipla de caráter científico, ou artístico, que se insere dentro do universo cultural. No caso específico do MII os desafios vão sempre existir, por ser uma instituição que está sempre produzindo e atualizando o seu acervo com os trabalhos dos novos artistas presentes nos ateliês de pintura e no museu.

Questionamentos sobre como a curadoria deve ser organizada; como a comunicação museológica deve ser pensada; como as obras devem ser preservadas estarão sempre presentes no caso do MII. Enfim, pode-se pensar em uma série de fatores. Mas, o principal é que o MII continue exercendo o seu papel de preservar a memória e o afeto de todos os artistas, de todos os agentes que participaram desse processo, influenciando futuras gerações. É importante também que as singularidades das produções dos artistas sejam preservadas, assim como, Nise da Silveira buscava fazer.

Com relação as exposições, é interessante notar a forma na qual a instituição organiza, procurando misturar os artistas que foram clientes da Dra. Nise com os atuais frequentadores. É importante também perceber que a instituição busca englobar diversos artistas em suas exposições, mostrando a diversidade do seu acervo. As principais diferenças observadas com relação as primeiras exposições e as exposições mais contemporâneas é que as primeiras os clientes tinham apenas o primeiro nome, eram quase artistas. Nas exposições a partir dos anos 1990 os artistas começam a ganhar sobrenomes, ganhando identidade. Com o nome completo eles passam de um regime para outro. Esse fator mostra a mudança de posicionamento dos museus que ficam entre lugares, entre a história da ciência e a história da arte.

Para que o MII continue desempenhando o seu papel é fundamental pensar na produção dos artistas. Afinal, o museu apresenta a sua história intrinsecamente vinculada a Stor. Portanto, o tratamento por meio da arte voltado para os indivíduos portadores de sofrimento psíquico é importante e se faz necessário. O museu deve atuar em paralelo com os ateliês de pintura e modelagem, visando que a produção esteja sempre existindo e se atualizando.

O protagonismo da Nise da Silveira pode ser observado em diferentes momentos. O primeiro é justamente pela sua luta no Setor de Terapia Ocupacional, na qual enfrentou diversas adversidades e não contou com a colaboração de colegas no seu ambiente de trabalho. Esses fatores acabaram levando a Dra. Nise a trabalhar no Setor de Terapia Ocupacional, centro com menor repasse de verbas. O segundo é a sua preocupação em organizar os álbuns com a produção e os laudos dos clientes dos ateliês para que as informações não fossem esquecidas ou perdidas. Inclusive achava que a produção dessas obras deveria ser mantida no museu e não vendidas, pois caso fossem vendidas seria disperso o material que verdadeiramente interessava a psiquiatria. O terceiro é a preocupação com os monitores dos ateliês, pois achava que eles não deveriam interferir na produção do artista. O quarto é a sua preocupação em valorizar a pessoa humana, trazendo inovações para as diversas áreas do conhecimento.

## Referências

ABRANCHES, Fernanda. Mavignier e Emygdio: Arte Como Vida, **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

AQUINO, Vanessa Barrozo Teixeira; DE VARGAS, Aline Vargas. Olhares acerca das exposições de arte: uma perspectiva histórica. **PORTO ARTE**, v.25, n.43, pp. 01-24, Jan/jun 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.103652>.

ARTAME GALLERY: Arte Solidariedade: Museu de Imagens do Inconsciente / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 80 p.: il. color. – (Série H. Bibliografias). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ArtameGalleryArteSolidariedade-CATALOGODAMOSTRA.pdf> Acesso em: 31 de mar de 2021.

BARBOSA, A.M. 500 Anos, comemorações ou celebrações?, **Vitruvius**, 11(3), 01º de abril de 2001. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.011/900>. Acesso em março de 2021.

BARROS, Guilherme. **O Novo Brasil da Mostra do Redescobrimento**. Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, p. 01-22, 2014.

BÔAS, Gláucia Villas. A estética da conversão: O ateliê do Engenho de Dentro e a arte concreta carioca (1946-1951). **Tempo social**, Revista de sociologia da USP, vol.20, no.2, pp. 197-219, São Paulo, Nov. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702008000200010>

11 BIENAL DE BERLIM, ADELINA GOMES, [museuimagensdoinconsciente.org.br](http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br). Disponível em: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/berlim/adelina-gomes.html> Acesso em: 03 de mar de 2021.

CABAÑAS, Kaira M. O Monolinguismo do Global. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 26, n. 40, p. 119-134, June 2017. ISSN 0104-6675. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/552>. Acesso em: 27 mar. 2021.

CARVALHO, Sonia Maria Marchi de; AMPARO, Pedro Henrique Mendes. Nise da Silveira: a mãe da humana-idade. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, IX, n.1, pp. 126-137, mar/2006.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.11, n.22, pp.365-76, mai/ago 2007.

CERQUEIRA, Vera. FELGUEIRAS, Margarida. Pedagogias da alteridade. Perspectivas sobre a emoção de lidar: Manuela Malpique e Nise da Silveira. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 27, n. 66, p. 927-949, set./dez. 2018.

CINCO ARTISTAS DE ENGENHO DE DENTRO, [ccms.saude.gov.br](http://www.ccms.saude.gov.br). Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/cincoartistas/index.php> Acesso em: 02 de mar de 2021.

CONTINENTE, [issuu.com](http://www.issuu.com), pp. 01-92, maio de 2016. Disponível em: [https://issuu.com/revistacontinente/docs/185 - mai 16 - nise da silveira](https://issuu.com/revistacontinente/docs/185_-_mai_16_-_nise_da_silveira) Acesso em: 26 de mar de 2021.

CRUZ JR, E. **O Museu de Imagens do Inconsciente: das coleções da loucura aos desafios contemporâneos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Museu de Astronomia. 2009

CRUZ JR, E.; PINHEIRO, L. Museu de Imagens do Inconsciente: ações, desafios e potencialidades para a transformação social, **IBICT**, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 2010, pp. 366-379.

CURY, M. X. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia- USP. **Revista CPC**, (3), 69-90, nov. 2006/abr. 2007. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i3p69-90>

DIONÍSIO, Gustavo Henrique. Museu de Imagens do Inconsciente: considerações sobre sua história. **Revista Psicol. cienc. prof.** vol.21 no.3 Brasília Set. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932001000300005#ast1b](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300005#ast1b)

DULCE, Emilly. Nise da Silveira: a mulher que revolucionou o tratamento mental por meio da arte. **Brasil de Fato**, São Paulo, 15 de Fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/02/15/nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratamento-da-loucura-por-meio-da-arte> Acesso em: 03 de mai de 2021.

DW.com, **Feira do Livro de Frankfurt completa 70 anos**, 16 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/feira-do-livro-de-frankfurt-completa-70-anos/g-50793706> Acesso em: 06 de abril de 2021.

ESTADÃO, **Bienal de São Paulo modifica seu regulamento**, 29 de janeiro de 1981, p.25. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810129-32479-nac-0025-999-25-not/busca/Bienal+S%C3%A3o+Paulo+XVI> Acesso em: 30 de mar de 2021.

ESTADÃO, **Especialistas debatem a arte incomum**, 23 de outubro de 1981, p.21. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19811023-32705-nac-0021-999-21-not/busca/23+OUTUBRO+1981> Acesso em: 10 de mar de 2021.

ESTADÃO, **Nise da Silveira, a psiquiatra que intrigou Jung**, Caderno 2/Cultura, p.143, 16 de dezembro de 2001. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20011216-39506-spo-143-cd2-d9-not/busca/Nise+Silveira>> Acesso em: 25 de mar de 2021.

ESTRELA DE OITO PONTAS, acervo.mis-sp.org.br. Disponível em: <https://acervo.mis-sp.org.br/filme/estrela-de-oito-pontas> Acesso em: 30 de mar de 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio da Cunha. **A legitimação de trabalhos plásticos de pacientes psiquiátricos: eixo Rio- São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira: Uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

ISSUU, **16ª Bienal de São Paulo (1981) - Exposição Arte Incomum**. Volume III, 2009. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name485f14> Acesso em: 30 de mar de 2021.

ITAÚ CULTURAL, issuu.com, pp.01-102, 24 de novembro de 2017. Disponível em: [https://issuu.com/itaucultural/docs/ocupacao\\_nise\\_da\\_silveira](https://issuu.com/itaucultural/docs/ocupacao_nise_da_silveira) Acesso em: 26 de mar de 2021.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PELBART, Peter Pál. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.709-735, jul.-set. 2007.

LUCERO, María Elena. **Diseñar y exhibir la alteridad. Sobre Lugares do delírio (Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2017)**. UNR, Argentina, pp. 211-221, 2018.

MAGALDI, Felipe. Das memórias de Nise da Silveira no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro. **MANA**, 25(3): pp. 635-665, 2019 – DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p635>

MAGALDI, Felipe. Imagens do inconsciente: genealogia de uma coleção da loucura. **Anais do 42º Encontro Anual da ANPOCS**, pp. 01-29. Caxambu, MG, 2018.

MAGALDI, Felipe. **A Unidade das Coisas. Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2018.

MELO, Walter. Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte. **Psicologia, USP**, São Paulo, 21(3), pp. 633-652, julho/setembro, 2010.

MELLO, Luiz Carlos. **Fotobiografia traz síntese do arquivo pessoal de Nise da Silveira**, 2014, oglobo.globo.com. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/fotobiografia-traz-sintese-do-arquivo-pessoal-de-nise-da-silveira-14820898> Acesso em: 25 de mar de 2021.

MORAES, Julia Nolasco. Curadoria e ação interdisciplinar em museus: a dimensão comunicacional e informacional de exposições. **Anais do XII Enancib, Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, pp. 01-16. Brasília, Distrito Federal, 23 a 26 de outubro de 2011.

MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE, [guiadasartes.com.br](http://guiadasartes.com.br). Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/rio-de-janeiro/rio-de-janeiro/museu-de-imagens-do-inconsciente> Acesso em: 02 de mar de 2021.

OGLOBO, Nise da Silveira: **a alma através da imagem e do mito**. Matutina, Rio de Janeiro, p.12, 16 de abril de 1975. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&ordenacaoData=relevancia&allwords=Museu+de+Imagens+do+Inconsciente&anyword=&noword=&exactword=> Acesso em: 25 de mar de 2021.

OGLOBO, Nise da Silveira, **30 anos de amor aos esquizofrênicos**. Matutina, Cultura, p.29,14 de dezembro de 1974. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=artigo&ordenacaoData=relevancia&allwords=museu+de+imagens+do+inconsciente&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1970> Acesso em: 30 de mar de 2021.

PEDROSA, Mario. **Museu de imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1980.

RANGEL, Vera. Interação patrimônio, comunicação museológica e aprendizagem. **Cadernos de Sociomuseologia**, n.2-2013 (vol. 46), pp. 47-69. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa: Portugal.

RAPHAEL E EMYGDIO: DOIS MODERNOS NO ENGENHO DE DENTRO, site [antigo.ims.com.br](http://antigo.ims.com.br) Disponível em: <https://siteantigo.ims.com.br/ims/visite/exposicoes/raphael-e-emygdio> Acesso em: 24 de mar de 2021.

REVISTAMUSEU, **Museu de Imagens do Inconsciente na 11ª Bienal de Berlim, 27/08/2020**, BRASIL, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/internacionais/9319-27-08-2020-museu-de-imagens-do-inconsciente-na-11-bienal-de-berlim.html> Acesso em: 28 de abril de 2021.

SANT'ANNA, Sabrina Parracho. Musealização, crítica de arte e o exercício experimental da liberdade em Mario Pedrosa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 385-404, 2011. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-21862011000200008>. Acesso em abril de 2021.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos, **Semiosfera**, ano 3, nº 4-5, Julho de 2003. Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro: Brasil.

SILVA, Joseane Maria Pereira da. CANDIDO, Lorraine Suelen de Oliveira. Museu de Imagens do Inconsciente: Movimento Modernista, Artes Plásticas e Saúde Mental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 01, pp. 145-158. Junho de 2020.

SILVA, R. R. A Crítica de Arte de Ferreira Gullar, e o Debate da Vanguarda no Final dos Anos 1950. **Prometheus - Journal of Philosophy**, 9(19), 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v9i19.3852>. Acesso em abril de 2021.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente com 271 ilustrações**. Editora Vozes, pp.01-501. 29 de agosto de 2017.

TOLEDO, M. S. R. de. Entre a Arte e a Terapia: as “imagens do inconsciente” e o surgimento de novos artistas. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, 1(3), 2011. Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2422>

VITRUVIUS, **Exposição reúne obras de Raphael Domingues e Emygdio de Barros**, 12 de julho de 2012, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/jornal/agenda/read/3453> Acesso em: 28 de mar de 2021.